Número 6
7-2-1952



A CENA muda

Cr$ 3,00
em todo
o Brasil

NESTE NÚMERO

Hollywood vendeu a alma ao diabo
(Reportagem)

AS 8 VÍTIMAS
(Cine-capítulos)

FLOR DE SANGUE
(Enrêdo)

O FILHO DE INGRID BERGMAM
(Atualidade)

ATRIZES SUECAS EM HOLLYWOOD
(Reportagem)

Carnaval
(Noticiário e Letras)

OS MELHORES DE 51
(Cinema nacional)





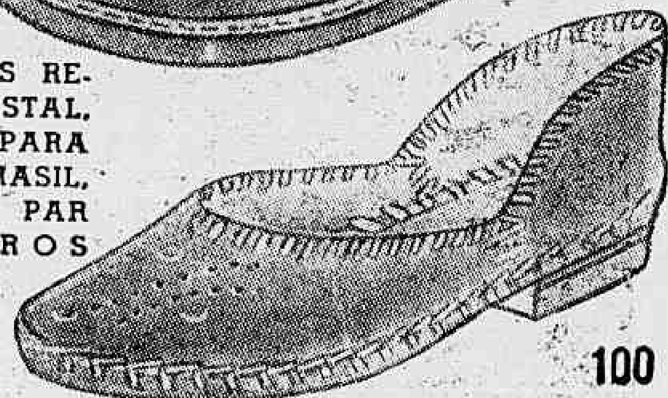
098



099



NÃO FAZEMOS REEMBÔLSO POSTAL. REMETEMOS PARA TODO O BRASIL. PORTE POR PAR 5 CRUZEIROS



100

098 — Cr$ 98.00. «Maracanã». Uma maravilha para meninos. Núm.: de 22/27

099 — Cr$ 75.00. Uma botinha que é um encanto. Núm.: de 18/24.

100 — Cr$ 100.00. «Caiçaras». Um encanto de sapato para meninas. Núm.: de 22/27.

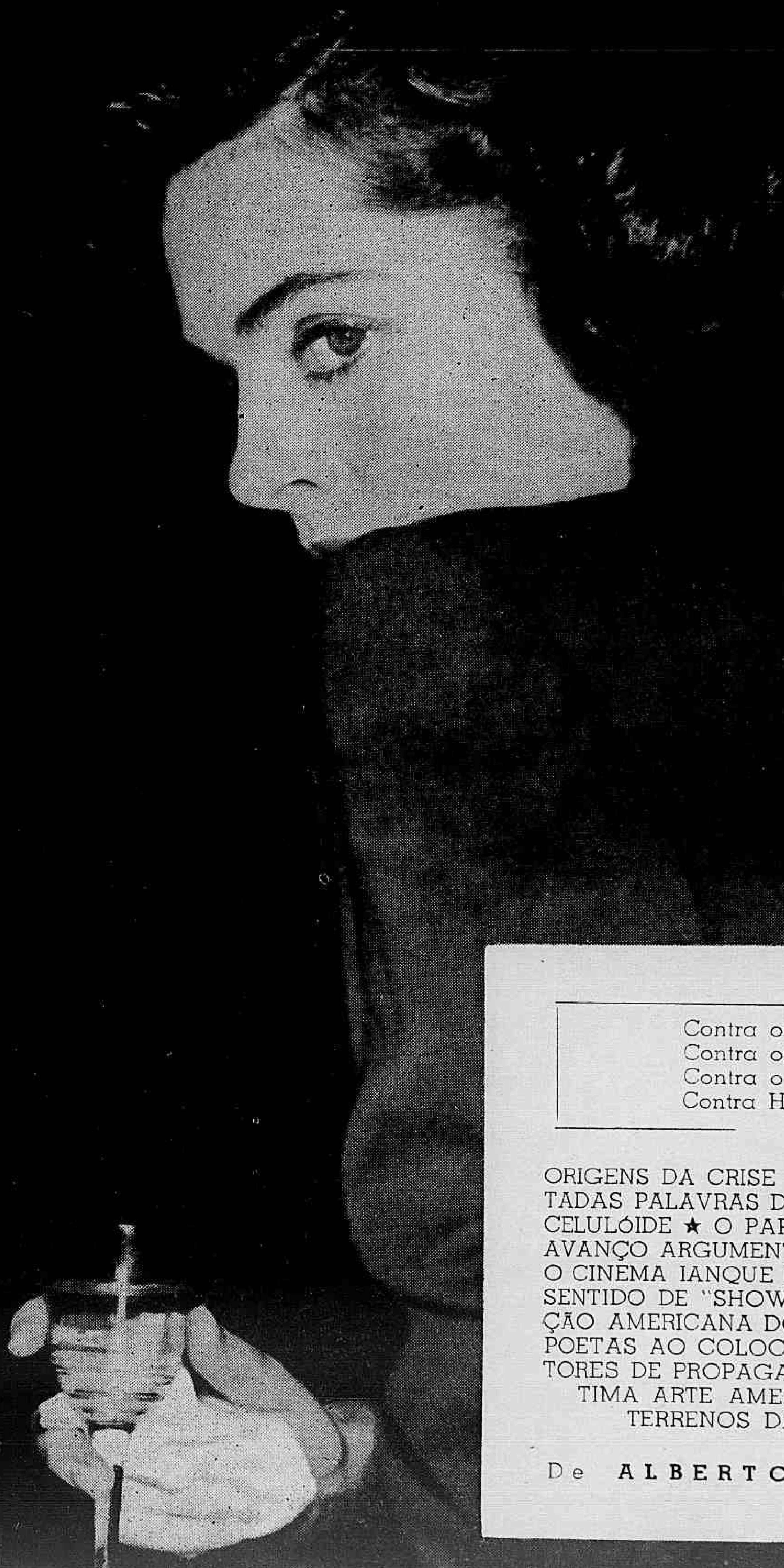
insinuante

A SAPATARIA PREDILETA DE SEUS FILHOS E DE SEUS NETINHOS

CARIOCA, 46·48 - SETE de SETEMBRO, 199·201

O ÊXITO À CUSTA DE QUALQUER PREÇO

HOLLYWOOD VENDEU A ALMA AO DIABO



Contra os poetas, pela Poesia,
Contra os snobs, pela Arte,
Contra o show, pelo Teatro,
Contra Hollywood, pelo Cinema.

ORIGENS DA CRISE DO CINEMA ATUAL ★ AS ACERTADAS PALAVRAS DE RENÉ CLAIR SÔBRE A MECA DO CELULÓIDE ★ O PAPEL DA CENSURA, QUE IMPEDE O AVANÇO ARGUMENTAL DOS FILMES AMERICANOS ★ O CINEMA IANQUE DEVE PERDER ÊSSE ANGUSTIOSO SENTIDO DE "SHOW" NOVAIORQUINO ★ A CONCEPÇÃO AMERICANA DO ANÚNCIO QUE ESTERILIZOU OS POETAS AO COLOCAREM OS MESMOS COMO REDATORES DE PROPAGANDA ★ QUANDO DEIXARÁ A SÉTIMA ARTE AMERICANA SEU SERVILISMO AOS TERRENOS DA NOVELA E DO TEATRO?

De **ALBERTO CONRADO** 



A GLORIFICAÇÃO DA BEBIDA nos filmes americanos é um fato. Com a publicidade do intérprete cinematográfico a embriaguês passou a ser parte importante do «show».

HOLLYWOOD VENDEU

O primeiro Natal que celebrou o mundo em plena paz sem quartel ouviu repicar seus sinos por outro acontecimento: das bodas de ouro do cinema. Sim senhores: no dia 28 de dezembro de 1945 fizeram cinqüenta anos justos e cabais que Cosette e Francine — ou talvez Sussane ajeitaram o chapéu e saíram pelo boulevard dos Italianos pelo braço de monsieur Dupont, quem as levou a uma nova diversão chamada cinema Lumiére. A sensação de assombro que deveria ter produzido nos anônimos espectadores que, pela primeira vez, embebedaram sua retina com o vinho das imagens, certamente foi inaudita. Pena seja que ninguém pensasse em perpetuá-la ametralhando uns clichês à saida de tão importante sessão. A questão é que uma fotografia que nos falta, entre tantas outras que nos sobram, é a tal das damas endireitando os laços de veludo junto a uns cavalheiros que idealizaram colunas barrocas com o guia sentimental de seus bigodes. Uma fotografia que tivesse feito magnífico *pendant* com a outra saída de cujo futuro edifício acabava-se de colocar a primeira imagem: a dos operários da fábrica Lumiére. Êste foi o primeiro tema social do novo espetáculo, talvez por recordar a Zola: como também para recordar-lhe exaltou-se o mito da máquina — êsse trem que cruza o pessimista panorama de "A bêsta humana" — na conhecida chegada, pontual apesar de ser ferroviária, que também — damas e cavalheiros — iriam mais tarde a presenciar desde a platéia. O cinqüentenário dessa primeira exibição nos sotãos do Grande Café, que passados os séculos coincidiu com o final da guerra mais aparatosa de quantas existiram, foi o momento do total naufrágio de muitos valores para que sôbre a espuma bélica bóiem alguns, sem os quais o homem considera que a vida não tem conteúdo. No cinema haveria de repercutir por fôrça esta considerável crise. Em primeiro lugar, tivemos o afogamento de cinematografias de tanta importância histórica como a alemã e, por outro lado, a inevitável penúria das demais. O agrupamento das melhores fôrças para desencadear a contenda; a urgente resolução dos imediatos problemas da vida, de tudo aquilo que é impossível livrar-se em tais momentos; a importância secundária que possuem as artes nos momentos bélicos, tem-se refletido profundamente no cinema.

Quiçá fôsse mais exato dizer que, se como espetáculo conhece agora uma verdadeira apoteose, como forma artística, tem ficado completamente paralisado. Era absurda a mania de Paris da vanguarda por intelectualidade, como já o tinham feito



HOLLYWOOD LANÇA MÃO DOS MEIOS mais inverossímeis para a mistificação da massa, no mais retumbante êxito da mentira. Observe-se o fundo panorâmico desta foto.



A MECA DO CINEMA, deve perder êsse sentido angustioso do «show» novaiorquino, empregando sua enorme capacidade de técnica sem a mínima proporção, sequer, de arte.



A DETURPAÇÃO dos costumes e tradições dos povos latinos, é um privilégio dos homens do cinema ianque.



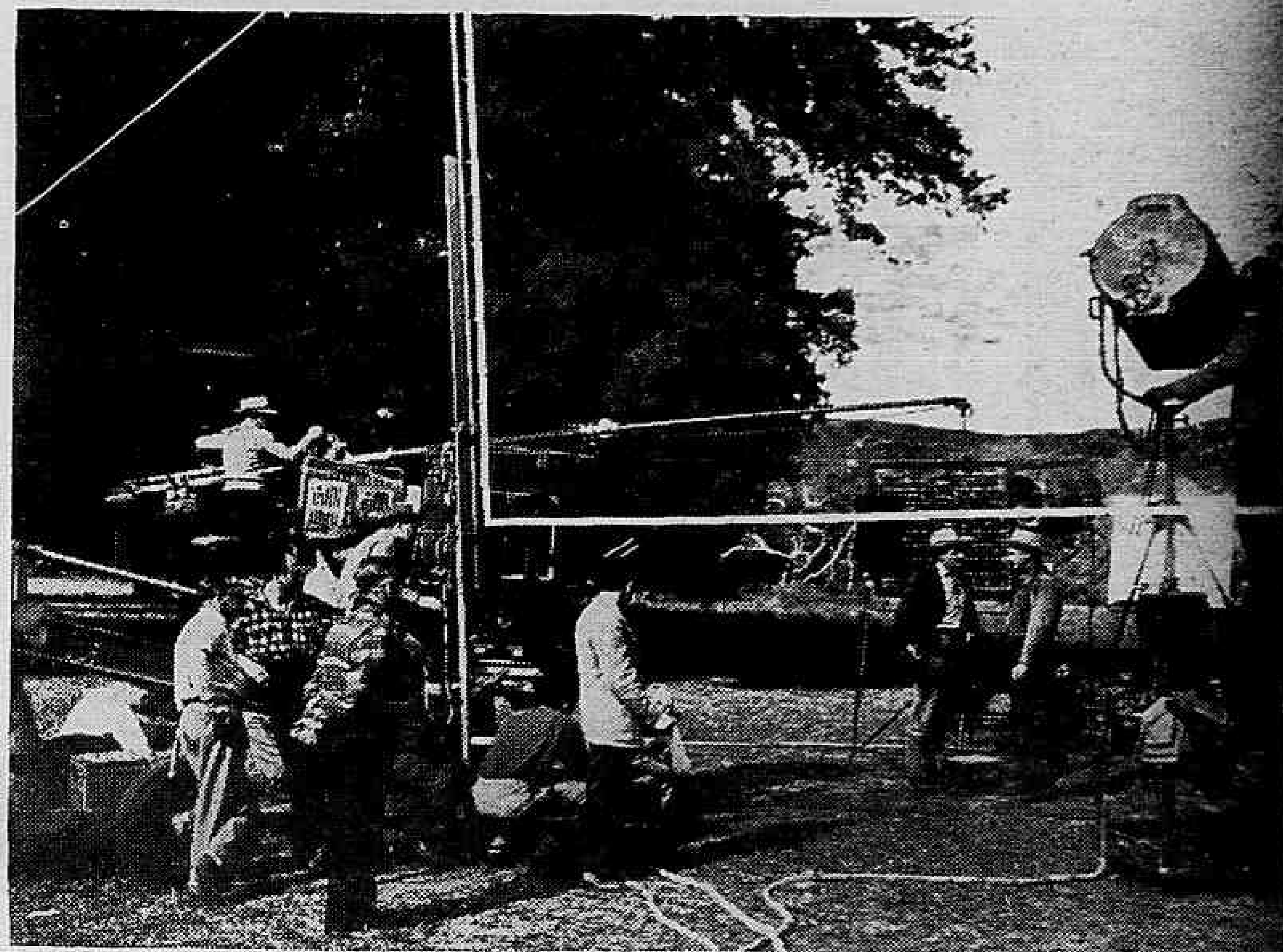
SORRIDENTE. Rita Hayword, tem sido uma fiel intérprete do espírito que anima os «avestruzes» de Hollywood.

A ALMA AO DIABO

com a pintura, com o teatro e com a mesma literatura; porém é evidente que aquêle movimento estêve cem pontos por cima da mentalidade estreita e mercantilizada do produtor americano e suas escolas européias. Passarão muitos anos antes de que esta última guerra dê seus frutos amargos. Então talvez o cinema francês tenha recuperado, se pode, suas melhores posições de anteguerra. Não é possível que os europeus sigam o caminho da produção americana, se é que pretendem manter ainda o indiscutível papel de mentores. René Clair disse alguma coisa de saboroso a êste respeito: "Hollywood é um admirável exemplo de organização, um delicado mecanismo de trabalho que possui enormes possibilidades, porém necessàriamente tem uma série de servilismos que se lhe impõem ao realizador .Temos muito que aprender com êles, porém não acredito que aquêles métodos de trabalho possam aplicar-se no nosso país. E' tão sòmente uma questão de temperamento". Também o cinema inglês haverá de recuperar a posição avançada, que se triturava na anteguerra, mantida apenas, através de todos os obstáculos, pela escola documental de Grierson, Rotha, Elton, etc., etc. Os russos haverão de livrar-se de tanta puerilidade propagandística e, se a conseguem conservar, entretanto, é a fôrça das melhores produções revolucionárias para que a idéia que nelas late possa manter-se no mundo. Devem ter em conta que o materialismo histórico está por um triz de rebentar. Hoje vê-se bem o que aconteceu com o mito e o duvidoso espelhismo de medir tudo — inclusive a arte — por semelhante aspecto. Diz-se que ùltimamente tem querido financiar o cinema francês, utilizando o gênio gaulês para cultivar o gênero de filmes chamados sexuais, que Hollywood não pode realizar a causa da censura. Não sabemos até que ponto entra isto nas suas disponibilidades. Existe uma verdade: até o conceito sexual mudará no mundo. E' possível que as teorias de Freud e o super-realismo comecem agora a dar seus primeiros frutos aproveitáveis. Por outro lado o cinema americano deve perder seu angustioso sentido espetacular de "show" novaiorquino. Deve empregar sua enorme capacidade de técnica, pelo menos numa mínima proporção de arte. Deve reformar a mentalidade do homem-anunciante, como noutro terreno, deve reformar a do homem-"chauffeur". O pior do cinema americano tem sido êsse seu poder para proclamar uma série de idéias que têm-se filtrado pelos poros da vida contemporânea. Tem lutado para impor a mentalidade mais



A CONCEPÇÃO AMERICANA do anúncio, da comercialidade tem feito seus artistas mentir mesmo sob um juramento com a mão sôbre a Bíblia.



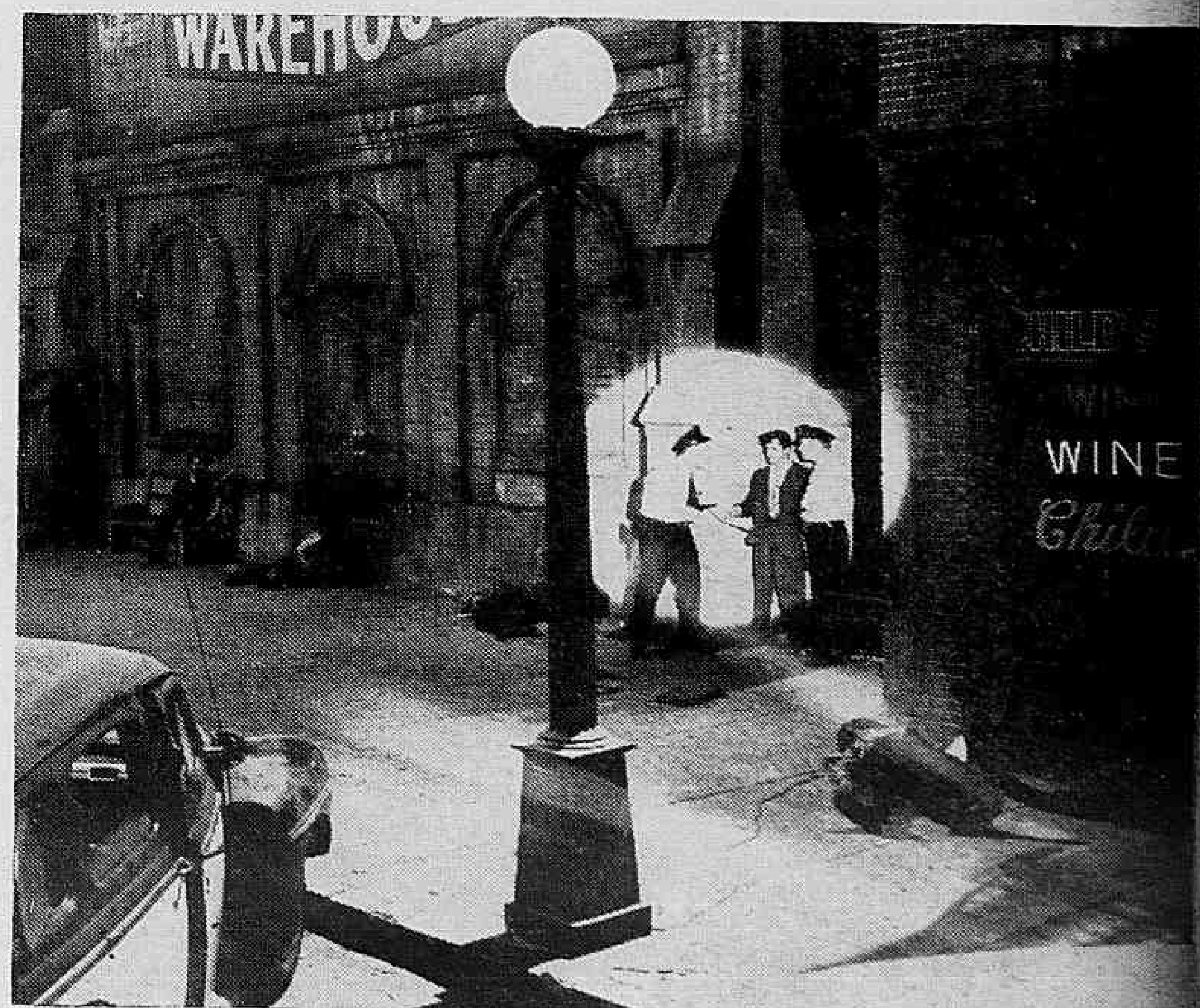
O COWBOY, FIGURA LENDÁRIA dos filmes americanos, também cumpre sua finalidade na exploração comercial da sétima arte americana. Seus feitos valem milhões.



HOLLYWOOD, por incrível que pareça, nos brindou com Chaplin, os momentos mais grandiosos do cinema.



EXCLUSIVA preocupação dos diretores americanos é procurar o êxito custe o que custar.



HOLLYWOOD é um admirável exemplo de organização, um delicado mecanismo de trabalho, porém, por outro lado, tem uma infinidade de coisas servis.

«JOANA D'ARC» FOI UM FILME vulgar, cheio de falhas apresentando uma santa exageradamente glamorosa. Os cineastas americanos mais uma vez fraudaram-nos.

TUDO SERVE para agradar as massas envenenadas pelas produções de Beverly Hills. Nada mais emocionante de que uma cruel briga entre duas bonitas mulheres.

superficial da época, ante a qual é necessário precaver-se. A mania da publicidade, o "quero ver-me em todos os jornais" a todo trance, o assalto à vida privada de cada um, a perseguição do êxito a custa de qualquer preço, são idéias que a enorme difusão do cinema americano tem espalhado pelos quatro cantos do mundo das consciências. A massa quer saber isto e aquilo. O que seja, porém que o seja com a publicidade de um intérprete cinematográfico. Já sabemos que muito mais do que as bebidas alcoólicas o êxito costuma tontear a quem não tem a cabeça um pouco forte. E as pessoas em estado de embriaguês oferecem sempre um estado lamentável. A concepção americana do anúncio, da comercialidade provoca-nos a dizer que o comerciante americano esterilizou a possibilidade de uma poesia ao dedicar aos poetas os postos de redatores de anúncio. De forma que para anunciar uma marca de sabão são obrigados a empregar todos os símbolos da mãe, da criança, da moralidade e da religião cristã, o que os leva a esfriar todo e qualquer entusiasmo de alegria e convicção para escrever alguma coisa de transcedental. Esta é uma das questões mais interessantes que, de momento, tem que resolver o americano se não quiser resolver sua equação de homem-estético em simples anúncios de Coca-Cola. Deve esquecer inclusive a mania de uma excessiva especialização. Também neste sentido a Univer-

DEVE-SE PENSAR no cinema como meio de aproximação entre os povos, sòmente pondo em evidência todos os bons laços comuns existentes entre êles.

HOLLYWOOD VENDEU A ALMA AO DIABO

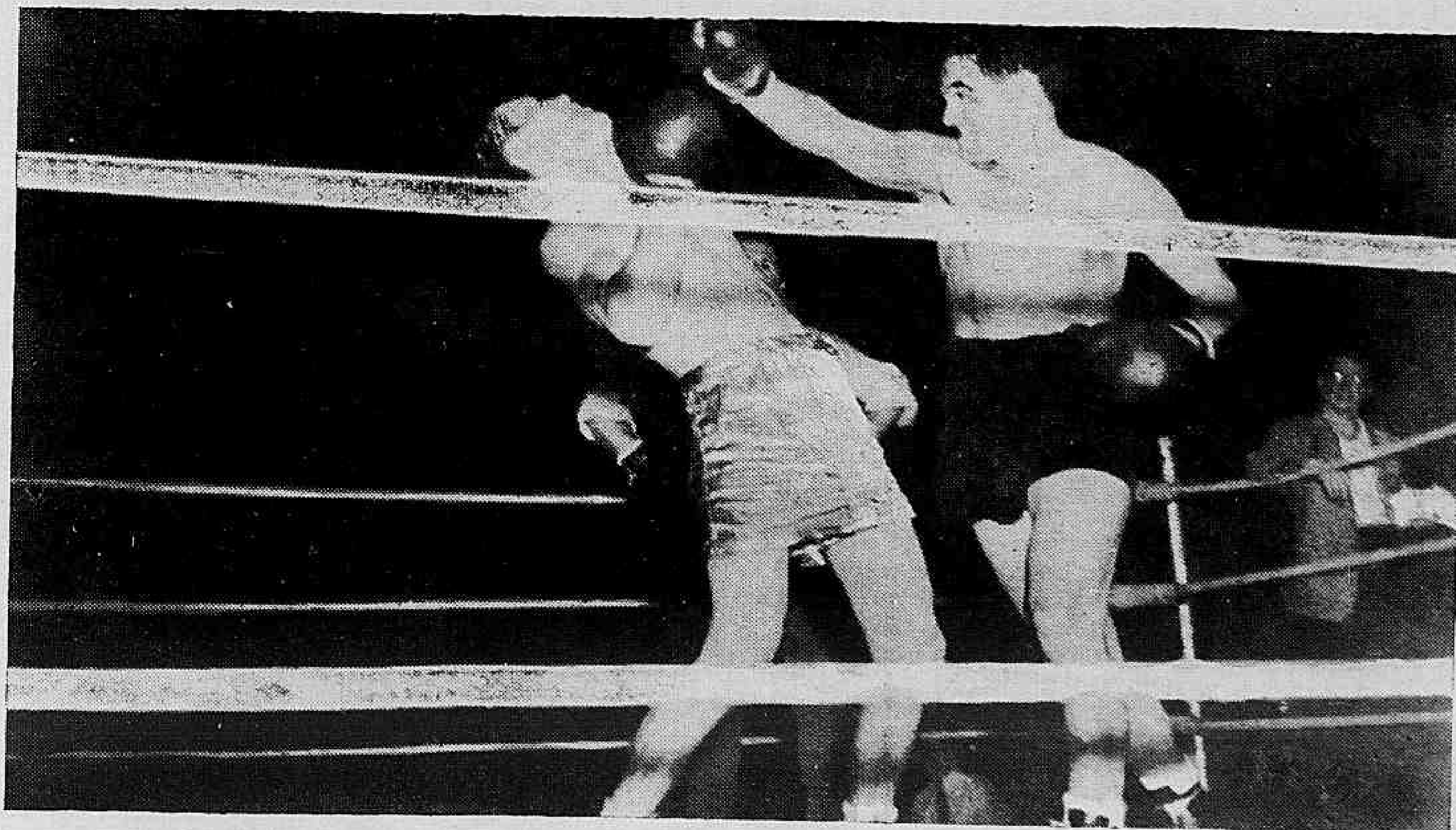
sidade de Harward intenta iniciar umas experiências conscientes para ampliar a base de estudos para que os alunos não se encaixem na especialização. E' também possível que com mais alguns anos desta atitude, se fôr mantida, se reflita nas demais ordens de vida do país. O cinema americano não deve deixar no esquecimento seu jôgo puramente físico. A repetida avalanche para os terrenos da novela e do teatro é a causa de sua atual posição. Servidão tão contínua, o seguido tratamento dos textos originais metendo-lhes a tesoura por onde seja, até deixá-los à altura das maiorias com procedimentos simplesmente imitativos, não poderia exercer senão funesta influência que, com o correr do tempo, trará graves conseqüências. Se se trata de manter a originalidade das formas, então se terá de recorrer aos meios que melhor as definam. Todo processo de assimilação da palavra corre no perigo de cair no francamente discursivo, ou seja no teatro; todo intento de inspirar-se na novela cai na órbita literária. Uma e outra coisa converte o cinema numa arte inferior.

Sòmente nos seus próprios limites poderá demonstrar sua grandeza. E êstes devem apurar as possibilidades de expressão com relação a fôrça física das imagens, ou seja, de tudo aquilo que não se possa contar, senão ver: um salto de Douglas Fairbanks sempre terá justificação em sua condição especificamente cinematográfica. As dúvidas de Hamlet, sempre o converterão em pálida imitação cômica. A música, a palavra conduzem o cinema ao teatral; o mundo dos sons é, por outro lado, totalmente cinematográfico. A representação interpretativa será sempre própria do teatro; a simples apresentação dos intérpretes enquadrados na mo-

(Cont. na pág. 30)



RARAS VÊZES, HOLLYWOOD envia um manifesto de arte com a propagação de idéias, não filtradas pelos poros da vida contemporânea. Age então, a mordaça da censura.



CARAS QUEBRADAS E PUNHOS implacáveis agitaram nossos nervos de adolescente. Uma virtude não se lhes deve negar aos americanos, a sútil compreensão da alma humana.

A CENA muda

SEMANÁRIO DE ARTE

Nº 6 ★ 7-2-1952

Sumário

Hollywood vendeu a alma ao diabo (Alberto Conrado) 3/7
O que vai pela Broadway (Jackson Flores) 8
Frank Lovejoy (close-up) 9
As oito vítimas (cine-capítulos) 10/11
Atrizes suecas em Hollywood (Salvyano Cavalcanti de Paiva) 12/13
Na sombra do crime (enrêdo) 14
Quais os melhores de 51? 15
Flashes mundiais (atualidades) 16/17
Robertinho visita um estúdio 18/19
Flor de Sangue (cine-romance) 20/21
Problemas Humanos (Luís Fraga) 22
Ofélia do Nascimento em Paris 22
Panorama do cinema americano 24/25
John Lund, de operário 26/27
O que vimos na tela (Interino) 29
Carnaval (Carlos Arena) 31/33
Pausa para meditação 34

★

CAPA:

BENÉ NUNES
(Foto Ávila)

EXPEDIENTE

Fundada em 1921 — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA. — Diretor-presidente: Gratuliano Brito
Diretor-secretário: R. Peixoto de Alencar.
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro — Brasil. Telefones: — Secretaria, 22-4447; Administração e Publicidade, 22-2550. Portaria, 22-5602. Endereço telegráfico: «Revista». Número avulso para todo o território brasileiro, Cr$ 3,00. Assinatura: Anual (52 números), Cr$ 150,00. Semestral (26 números), Cr$ 75,00. Registrada: Anual, Cr$ 180,00. Semestral, Cr$ 90,00. Estrangeiro: Anual, Cr$ 280,00; Semestral, Cr$ 140,00. Número atrasado, Cr$ 3,50. Agentes em tôdas as capitais e principais cidades do Brasil. Representantes: — Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West 44th Street, New York City, N.Y. Em Portugal: Helena A. Lima, Avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2º Distrito, Lisboa, África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Sucursal na Argentina: «Inter-Prensa». Florida, 229, Buenos Aires. Tôda correspondência deve ser enviada ao diretor-presidente.
Distribuição e Publicidade em São Paulo: Agência Zambardino — Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569.

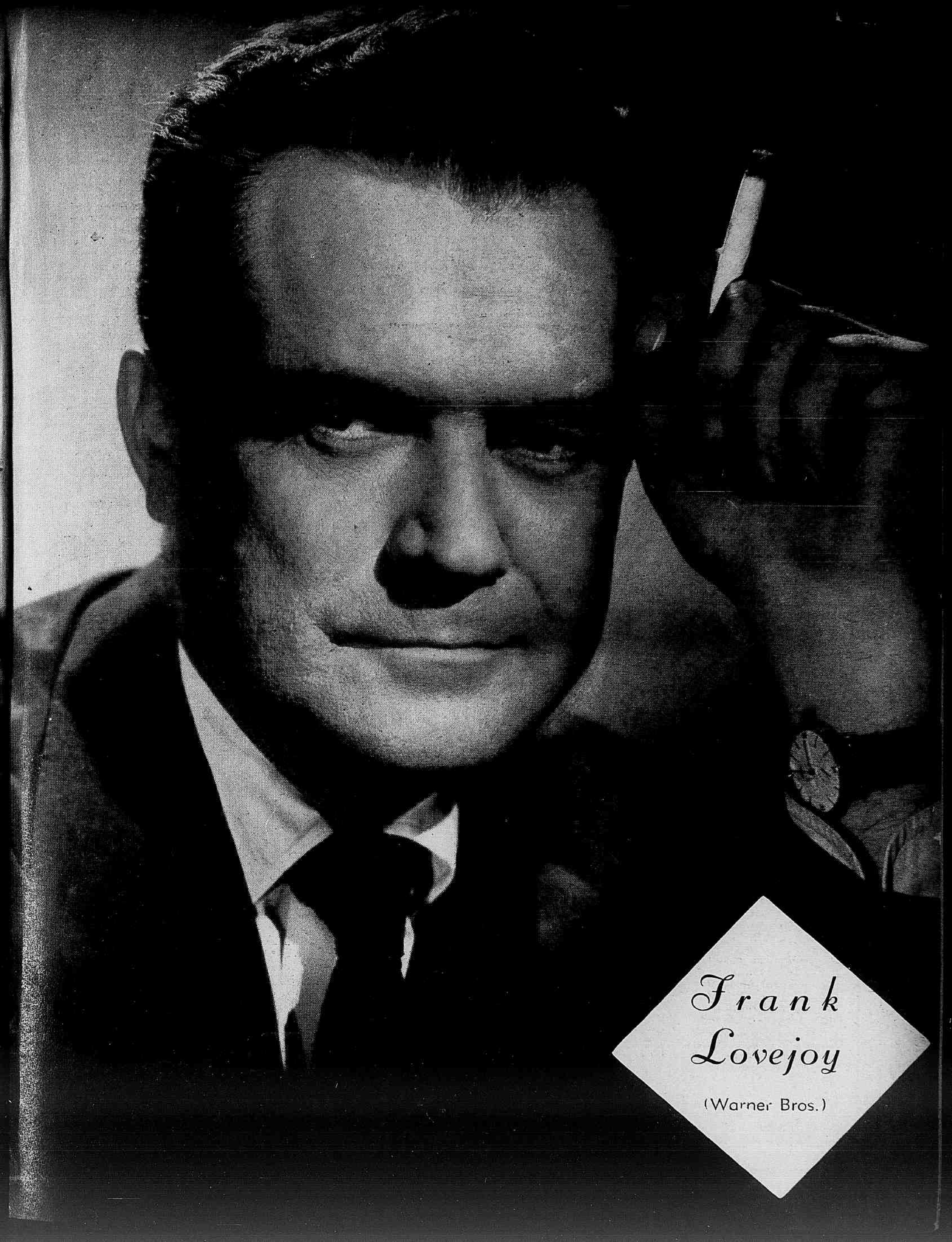
Correspondentes em Hollywood:
THOMAS KEENE
VIOLET KINNEY
Correspondente em Paris:
JEAN DELMAR
Redator-chefe da Publicidade:
Severino Lopes Guimarães
IMPORTANTE:
O preço desta revista é de Cr$ 3,00 em todo o Brasil. Não é permitida a venda por quantia superior à marcada na capa.

O QUE VAI PELA BROADWAY

Por **JACKSON FLORES**

NEW YORK — para o seu "sohw" de Natal e Ano Novo, o cinema Paramount estreou a película distribuida pela RKO Rádio Pictures "Double Dynamite", com Groucho Marx, Frank Sinatra e Jane Russell. Essa comédia baseada numa história de Leo Rosten, conta os apuros de um caixa de banco que, ao salvar a vida do "bookmaker" de corridas de cavalos, é recompensado com algumas "barbadas" infalíveis que produzem $60.000,00. Nesse mesmo dia, porém, o banco para o qual o caixa trabalha, descobre um desfalque de importância mais ou menos equivalente. No filme Frank Sinatra faz o papel do caixa do banco. Há artistas que fotografam mal de perfil ou de determinados ângulos. Sinatra, porém, é feio de qualquer ângulo, o que me faz suspeitar possuir o rapaz qualquer elemento atômico desconhecido, quando me recordo que èle, recém, se casou com Ava Gardner. Frank, nesta película, canta apenas duas canções e dá conta do seu papel com um certo desembaraço, o que revela algum progresso. Jane Russell, razão das aflições de Sinatra no filme, apenas comparece com a sua estampa graciosa. Groucho Marx é o elemento que valoriza essa comédia, mantendo a platéia de bom humor tôda vez que aparece em cena. No "show" do palco, o cantor Tony Bennett, a nova coqueluche das colegiais, lidera 50 minutos de variedades que conta, ainda com as DeMarco Sisters, Joey Adams e a orquestra de Art Mooney. Se você é fã de Groucho Marx e está sem "programa", "Double Dynamite" lhe proporcionará alguma diversão. ★ O cinema Capital estreou esta semana "Westward the Women", da Metro Goldwyn Mayer, com Robert Taylor e Denise Darcel, nos principais papéis. Sendo mais uma história do desbravamento do oeste norte-americano, "Westward the Women", porém, focaliza um aspecto diferente, possuindo intensa dramaticidade e ação suficiente, que infileiram essa película entre as melhores sôbre o tema. A história original dêsse filme é do celebrado diretor Frank Capra e gira em tôrno de um contingente de 140 mulheres recrutadas em Chicago e enviadas para a Califórnia, onde os colonizadores as aguardam, para solidificarem com a criação de famílias, as raizes da terra conquistada. Robert Taylor, interpretando o papel do guia do contingente de mulheres, apresenta-nos um trabalho expressivo e vigoroso. Denise Darcel está excelente em sua parte e a direção de William A. Wellman, merece louvores pela firmesa e realismo. O resto do elenco produz satisfatòriamente, sob a direção de Wellman. ★ Em "My Favorite Spy", película da Paramount Pictures estreada esta semana no cinema Globe, vamos encontrar Bob Hope em apuros com Hedy Lamarr, numa história em que êsse par interpreta dois espiões trabalhando em campos opostos. Bob Hope interpreta um duplo papel, o do cômico Peanuts White e o suave e perigoso espião europeu Eric Augustine. As situações cômicas são na maioria veteranas e pouco material novo usado, é bem aproveitado por Bob Hope. Não sendo o que há de melhor de Bob, "My Favorite Spy", porém, diverte e a presença de Hedy Lamarr pode se constituir em motivo para que vocês assistam a êsse filme.

— Dos filmes estreados esta semana, recomendo Westward the Women", com Robert Taylor e Denise Darcel, que é uma história diferente sôbre a colonização do oeste americano, bem interpretada e excelentemente dirigida.


Frank
Lovejoy
(Warner Bros.)

AS 8 VÍTIMAS

CAP. X

LOUIS esquece sua conquista amorosa de última hora para concentrar-se e procurar a melhor maneira de matar Henry d'Ayscone com tôda impunidade. Decide ser o sábado próximo... Nesse dia, ou melhor dito, à noite anterior, sai de Londres em bicicleta e dirige-se para Richmond. Chega à propriedade da assinalada vítima antes de raiar o sol. Entra naquela casinha que serve de labora ório e, em menos de um minuto, substitui o petróleo da lâmpada vermelha por gasolina. Depois, esconde-se detrás de um montão de feno esperando o momento de apresentar-se na casa. Henry e Edith d'Ayscone o recebem com grande cordialidade. Por sua vez, o sol da Inglaterra, geralmente pouco forte, prodiga seus raios com estupendo esplendor.

Henry tira várias fotografias, porém até o fim da tarde não menciona o quarto escuro. Por fim...

— Acho que vou revelar estas fotos antes da hora do chá... Queres vir comigo Mazzini? — sugere.

— Iria com gôsto se não fôsse pela dor de cabeça que me tem dado febre e que vossos caldos químicos aumentariam...

— Mr. Massini e eu tomaremos o chá sob as árvores — decide Edith. D'Ayscone se afasta.

— Queira Deus que Henry não me tache de entusiasta — diz Louis.

— Êle o é em excesso... Antes de nos casar passava a vida no seu clube...

— Para ver se lhe inculcava interêsse em alguma coisa, pedi-lhe que viéssemos a viver no campo... Porém foi aqui que demonstrou ser a fotografia sua maior preocupação... Permita-me que vos faça uma pergunta pessoal: Achais que devo orientá-lo para outras atividades?

— Manifestou alguma vez o gôsto pela política?

— Não.

— Esconde uma ambição qualquer?

— Uma só... A de ganhar o prêmio da Exposição de Fotografia de Bruxelas...

Neste instante, Louis endireita-se no seu sofá vendo ao longe uma grande fumarada.

— Que é? — pergunta-lhe Edith.

— Nada de importância. Alguém está queimando fôlhas sêcas no fundo do jardim.

— Não nesta época do ano... Henry — grita ela, sùbitamente alarmada.

— Fique quieta, senhora — adverte Louis.

E lança-se em direção ao incêndio... Naturalmente chega tarde... Henry d'Ayscone tinha morrido carbonizado.

CINE-CAPÍTULO

"KINDS HEARTS AND CORONETS"

ELENCO:

Louis	**DENNIS PRICE**
Edith	**VALERIE HOBSON**
Sibella	**JOAN GREENWOOD**
Duque, banqueiro, pároco, general, almirante, jovem Ayscone, Henry Ayscone e Lady Agatha	**ALEC GUINNES**

Película de J. Arthur Rank ★ Produção de Michael Balcon, de Ealing Studios ★ Distribuição: U-International ★ Direção de ROBERT HAMER



As exéquias do importante senhor levam-se a cabo na capela do castelo de Chalfont, com a presença de todos os sobreviventes da família... A viúva, desejosa de diminuir ao seu jeito, os íntimos agravos de Louis d'Ayscone Mazzini, a quem sòmente ela "aprecia" no que vale, pede-lhe que seja seu cavalheiro de honra na triste jornada...

Com o orgulho com que um cortesão acata uma ordem real, o assassino se inclina... E é dessa forma que consegue a rara oportunidade de ver a todos os seus parentes juntos... de contar as vidas que ainda o separam do ducado de Chalfont... Além do duque Ethelred, cabeça da linhagem, Louis vê a seu patrão, Lord Ayscone; ao general Rufus d'Ayscone, ao almirante Lord Horatie d'Ayscone, a Lady Agatha d'Ayscone e, no púlpito, o Reverendo Lord Henry d'Ayscone.

Aparentemente, a família, como é hábito comum da *gentry* inglêsa, destinou à igreja o mais bôbo de seus membros, porque o tal reverendo termina seu largo elogio póstumo nestes têrmos:

"A vida que o cruel destino acaba de levar era rica em proezas e promessas em prol da humanidade."

Por outro lado, os pêsames do duque eram tão compridos e tão cheios de divagações que Louis aproveita para ganhar mais ainda as simpatias de Edith...

— Com licença de Vossa Graça... Penso que é hora da viúva d'Ayscone se retirar... O tempo esfriou muito.

E recebe então um olhar de agradecimento da dama, a quem, nesse preciso instante, decide fazer duquesa quando tocar a êle ser o duque de Chalfont.

CAP. XI

Lord d'Ayscone, que se tomou de carinhos por Louis, ao vê-lo no entêrro de Henry dando o braço a Edith considera chegado o momento de realizar certa idéia que germinava nêle há muito tempo. O rapaz, vestido completamente de negro, entra nessa manhã no escritório do banqueiro com um papel na mão.

— Aqui tem, senhor, a lista das contas que vencem nesta semana. Marquei com lápis vermelho aquelas cuja renovação foi solicitada — diz.

O ancião põe os óculos, fixa-se nos nomes e dispõe:

— Aitcheson, sim; Pole & Carter, suponho que também; Knollis Limited, não; Redbank & Holland, hum... Mazzini, um dêles não é vosso amigo?

— Conheço a Lionel Holland de vista...

— Acreditais estar quites?

— Talvez vos prefira dizer que não.

— Hum... Mazzini...

— Mandai, senhor...

— Tenho seguido com grande interêsse vosso progresso nesta casa e me é grato dizer-vos que tendes justificado a confiança que em vós depositei ao empregar-vos. Reconhecendo vossos méritos, a fim de que possais adotar o estilo de vida que vos corresponde como membro da família d'Ayscone, resolví nomear-vos meu secretário particular, com quinhentas libras anuais de ordenado.

— Senhor, não tenho palavras para...

— Não me agradeça, Mazzini... Sòmente porque o mereceis mais do que ninguém vos dou o pôsto que destinava ao meu defunto filho.

— E eu senhor, vos prometo desempenhar-me com honra para sua imperecível memória.

CAP. XII

Da casa dos Hallaward, em Clapham, Louis muda-se para um elegante andar no celeste bairro de Saint James... E, naturalmente, a primeira visita feminina que recebe é a de Sibelle, hoje senhora de Lionel Holland, no dia seguinte ao regresso de sua lua-de-mel na Itália.

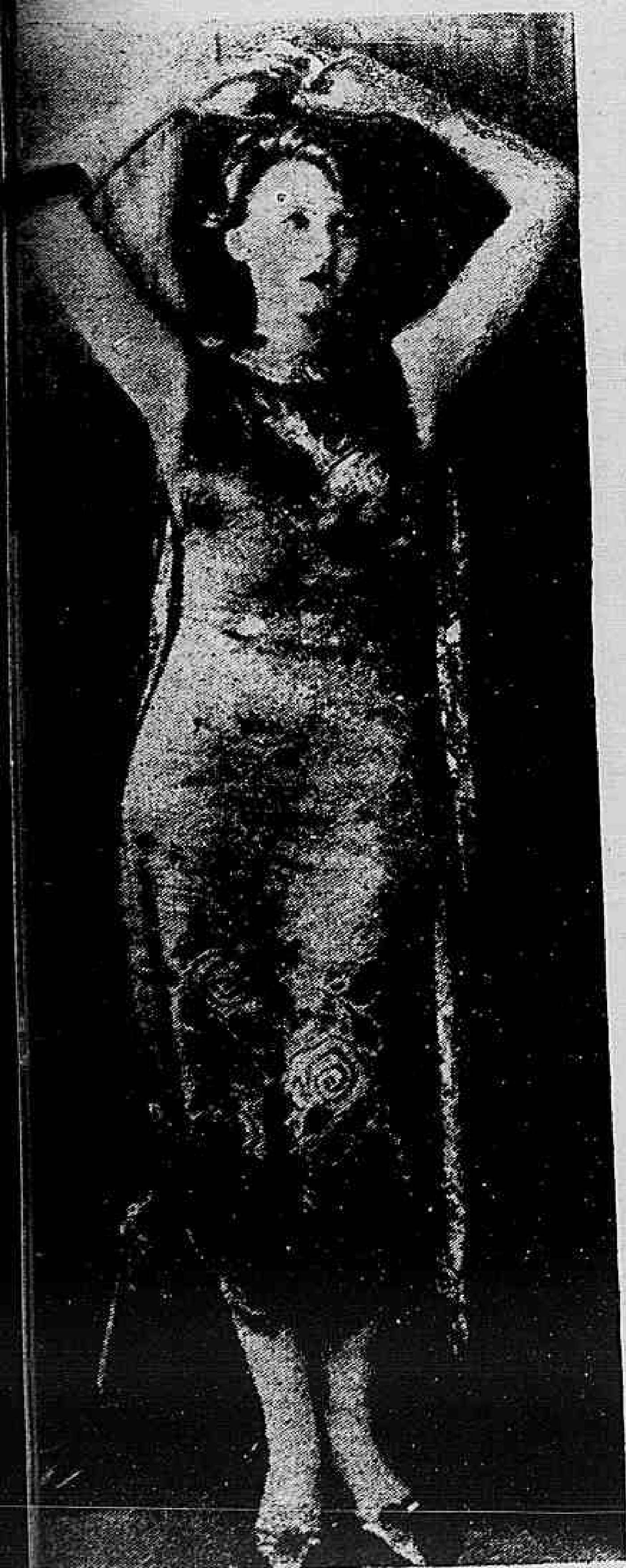
(Cont. na pág. 28)





DA ESCANDINÁVIA PARA A CALIFÓRNIA

GRETA GARBO, a estrêla mais conhecida em todo o mundo. Ela aparece em uma cena de um dos seus primeiros filmes americanos, «A Carne e o Diabo», que está sendo refeito, agora com a platinada Lana Turner.





INGRID BERGMAN, a nova divindade, a atriz que caminhava, na América, ràpidamente, para substituir Greta Garbo e, de repente «aconteceu» Rossellini. Êsses americanos são puritanos... Ingrid continua a ser uma grande atriz e uma grande mulher.

ATRIZES SUECAS EM HOLLYWOOD

HOLLYWOOD é a Meca do Cinema, né? Portanto, é normal, normalíssimo, que êste centro mundial de peregrinagem venha atraindo, durante anos, uma multidão de fiéis, sacerdotes e diáconos, ávidos de servir devotadamente a essa religião nova nascida em nossos tempos: a cinemanía. Entre os primeiros cultores dêsse mito, o mito da imagem animada, o cinema, aparece a Suécia. Nesse país ao norte do Rio Grande, segundo a interessantíssima classificação ianque, a vocação do cinema se fêz imperiosamente sentir desde o princípio. Hoje, também Hollywood, U. S. A. — ao norte do Rio Grande, também — se orgulha, muito justamente, de possuir o cetro, a liderança, a "maioridade" do assunto. E de, em sua história, que não é longa mesmo nada, contar nada menos de seis grandes atrizes escandinavas, tôdas originárias de Estocolmo ou de seus arredores, arrabaldes, subúrbios, baixadas, etc. etc. Vai daí...

Vai daí, uma existe que se eleva no Panteon do Cinema (heim, como é o negócio, que lompra é essa?). Aquela a quem já chamaram Divina, embora o adjetivo caiba melhor em Marlene Dietrich, Virginia Mayo ou Carla del Poggio. Sabem quem é, né? Isso mesmo: Greta Garbo, antes porém Greta Gustafon... Gustaffson, por exemplo, na "Legenda de Gosta Berling", e Garbo, garbosamente, nos filmes americanos, tá? Sim, Greta Garbo, onde o poder de sedução foi, era e para alguns aluados será sempre, a despeito dos anos, das rugas, de Stokowski e de mais isso e de mais aquilo, tão estranho e perturbador — lá isso é mesmo, lá isso é — que inspirou ao fracassado mas famoso escritor François Mauriac uma



VIVECA LINDFORS, outro presente maravilhoso da Suécia à Califórnia. «Ninho de Abutres», «Destino às Nuvens» e «No sad songs for me» colocaram-na, definitivamente, entre uma das primeiras do cinema moderno.



ANNA Q. NILSSON, a primeira «vamp» sueca a acampar em Hollywood, alôprava todos os homens e deixava as mulheres roendo as unhas, há trinta anos atrás. Cena do fi.me «Too much money».

DE ANNA Q. NILSSON A VIVECA LINDFORS — GRETA GARBO E INGRID BERGMAN: PARADA DURA — MARTA VIVE DESDEMONA — PELA MECA PASSAM TÔDAS.

SALVYANO CAVALCANTI DE PAIVA
Especial para A CENA

das páginas menos feias ou mais belas e mais poeticamente notáveis do seu "Jornal" (ou diário, se vocês preferem). Garbo ficou, também, ao que parece, no coração da crítica e de muita gente do povo. Ainda outro dia foi eleita a mulher mais importante em cinqüenta anos de cinema.

Bom, depois dela outra "Divina" surgiu: Ingrid Bergman, sua rival mais direta (apenas no espaço, nunca no tempo). A dona é do balaco-baco, não tem papas na lingua, conta até dez e resolveu até virar "Joana d'arc", competindo — a cigana te enganou, não foi, nêga? — com a Falconetti. Mas, ai meus calos! Será que a Ingrid, de quem eu gosto que me enrosco, terá fôrça suficiente para se tornar tão GRANDE e inolvidável por vinte anos como a criadora duas vêzes de "Anna Karenina?" Duvido. Du-vi-do, dó! De qualquer maneira, como é para bem de todos os leitores, e felicidades geral de Hollywood, tanto uma como outra, embora insatisfeita artísticamente, ganharam os "pacotes" foi mesmo na Meca. E ambas tinham descido da Suécia. Outras patricias vieram: veio a bela, enigmática e talentosa Signe Hasso, a espiã de "Casa da Rua 92", a desdemona de "Fatalidade". Veio, também, a morena Marta Toren, por quem tanto esperamos inùtilmente no Aeroporto do Galeão em 1951, e Marta Toren já andou pintando o sete e o oito em Hollywood, na tela e fora dela, sabidinha que é. Veio Viveca Lindfors, casada como Ingrid e que como ela, também, abandonou o marido sueco. Só que, em vez de um italiano, contentou-se mesmo com um americano, por enquanto... Viveca Lindfors, todo o mundo sabe, apareceu numa série de interessantes filmes para a Warner (desde "Noite após Noite") e para a Columbia.

(Continua na pág. 28)

DUAS JOVENS atrizes suecas que caminham ràpidamente para o estrelato absoluto no cinema americano: Signe Hasso, à esquerda, e Marta Toren, à direita. Ki. fãs das duas. O autor prefere a primeira.





NA SOMBRA DO CRIME

O detetive Mike Trent (Scott Brady), da Policia de Los Angeles, vai a Nova York com o encargo de descobrir uma quadrilha de traficantes de narcóticos. Aceita como sua auxiliar Cristina Miller (Alexis Smith) filha de um amigo policial mancomunado com a quadrilha e morto pelo chefe da mesma.

Voltando para Los Angeles, Trent informa à Cristina que os detalhes que êle conseguira colher sôbre as atividades da quadrilha, se resumem em que os contrabandistas trabalham sob a direção de um tal Doutor Holmes, cuja clínica serve à êles como centro de operações.

Cristina é incumbida de fazer uma visita ao tal Doutor Holmes e de convencê-lo estar ela muito interessada na aqui-

(Continua na pág. 24)

(UNDERCOVER GIRL)

ELENCO:

Chris Miller	ALEXIS SMITH
Lt. Mike Trent	SCOTT BRADY
Doc Holmes	EDMUND RYAN
Reed Mennig	GERALD MOHR
Moocher	ROYAL DANO
Liz	GLADYS GEORGE
Butt Miller	REGIS TOOMEY
Tully	HARRY LANDERS
Collar	MEL ARCHER
Pat Gibson	LYNN AINLEY
Jess	RICHARD EGAN
Murph	LAWRENCE CREGAR
Capt. Parker	CONNIE GILCHRIST

Direção de JOSEPH PEVNEY
Produção de AUBREY SCHENCK
Apresentação da UNIVERSAL-INTENATIONAL

GRANDE "ENQUÊTE" DE A CENA

EM COLABORAÇÃO COM AS RÁDIOS CLUBE E CONTINENTAL

QUAIS OS MELHORES DO CINEMA NACIONAL EM 1951?

DESPERTOU invulgar interêsse o lançamento do nosso inquérito para a eleição dos "Melhores do Cinema Brasileiro de 1951", feito, desta vez, em combinação com duas grandes emissoras do Rio (Rádio Clube do Brasil e Emissora Continental). Era êsse mesmo, aliás, o resultado que esperavamos obter com a apresentação do sensacional concurso, cujos votos começam já a aparecer em quantidade, trazendo as preferências dos leitores de A CENA quanto ao filme, diretor e atores que mais se distinguiram na última temporada.

INSTRUÇÕES PARA OS VOTANTES

1. O "Voto" ao lado deverá ser preenchido em letra bem legível.
2. Compreende-se por "ator" e "atriz" as figuras que tiveram papéis PRINCIPAIS nos filmes exibidos.
3. Não é necessário indicar o nome da fita em que tenham trabalhado; basta citar o nome do astro e da estrêla.
4. Não serão aceitos votos que não vierem acompanhados do respectivo "COUPON".
5. Os coupões devem ser rigorosamente preenchidos, sem o que não serão tomados em consideração.
6. Cada leitor terá direito, exclusivamente, a UM VOTO.
7. As fitas que tomarão parte neste certame são as que foram lançadas no decorrer de 1951 no Rio de Janeiro, cuja lista fornecemos abaixo.
8. Êste concurso será encerrado a 29 de fevereiro, não se computando os votos que chegarem depois dessa data.

FILMES QUE CONCORREM

(Lançados em 51 no Rio)

★ CASCALHO
★ MAIOR QUE O ÓDIO
★ AVISO AOS NAVEGANTES
★ TERRA SEMPRE TERRA
★ CORAÇÃO MATERNO
★ ANJO DO LÔDO
★ O MEU DIA CHEGARA
★ TOCAIA
★ HÓSPEDE DE UMA NOITE
★ SUSANA E O PRESIDENTE
★ MILAGRE DE AMOR
★ O COMPRADOR DE FAZENDAS
★ MARIA DA PRAIA
★ AÍ VEM O BARÃO
★ PRESENÇA DE ANITA
★ GARÔTA MINEIRA
★ FALSO DETETIVE

CORRESPONDÊNCIA:

Os votos devem ser remetidos para:

"QUAIS OS MELHORES DO CINEMA BRASILEIRO"
Redação de A CENA

Rua Visconde de Maranguape, n.º 15

Rio de Janeiro.

PRÊMIOS PARA OS VENCEDORES

a) Serão conferidas estatuetas simbólicas, especialmente confeccionadas aos vencedores do certame.
b) Será realizada uma solenidade, em dia hora e local que serão oportunamente anunciados, com a presença das celebridades do Cinema Brasileiro, quando, então, será feita a entrega dos prêmios.

PRÊMIOS PARA OS LEITORES

a) Cada leitor que enviar o seu "voto", terá direito a receber uma fotografia autografada, do astro e da estrêla eleitos (desde que o seu voto haja contribuido torná-los vencedores).
b) Serão sorteadas seis assinaturas anuais de A CENA entre TODOS os votantes, sorteio êsse que será realizado na solenidade da entrega das estatuetas.

VOTO

MELHOR FILME:

....

MELHOR ATOR:

....

MELHOR ATRIZ:

....

MELHOR DIRETOR:

....

COUPON:

Nome ....

Pseudônimo (não é obrigatório) ....

Rua ....

Cidade .... **Estado** ....

Assinatura (indispensável) ....

....

FLASHES MUNDIAIS

ITÁLIA

A alma siciliana — alma altiva e complexa, indomável e resignada, alma dessa ilha mediterrânea que não é tão sòmente o paraíso dos laranjais e das oliveiras tão amado pelos turistas de todo o mundo, mas que é também uma terra sedenta, calcinada pelo sol, desde milênios estática em sua superfície, e no entanto, eternamente atormentada pelo fogo subterrâneo de seus vulcões e de suas paixões — achou, por fim, no diretor, PIETRO GERMI, seu cantor e seu trovador.

Não há grandiloqüência, nem ênfase alguma neste afrêsco onde tudo é simples e essencial: documentário. "Em nome da lei" se funda sôbre a necessidade social do império da Lei e, portanto, da Justiça, equânime e incorruptível.

E para que tal Justiça fôsse completa, os realizadores do filme começaram por colocar em justa luz a alma siciliana. O objetivo da câmara refletiu os olhos inescrutáveis desta gente — olhos que nunca baixam porque estão acostumados a olhar a morte sem pestanejar — e ficou fascinado.

Já desde sua primeira aparição na tela, êstes olhos não mais se esquecem, e são êles que nos permitem descobrir a alma que ocultam ao mesmo tempo em que a revelam.

Êstes olhos fazem compreender o que é a Mafia, a qual, não é, como muitos acreditam, uma associação para a prática de crimes, mas o resultado de condições especiais, de um isolamento secular, de um individualísmo exasperado e de uma aspiração a defender-se contra a delinqüência comum: uma espécie de tribunal autônomo que julga e aplica seus ditames baseando-se sôbre um código de honra especial, que poderá, e deverá, ser destruido sòmente por uma Justiça tão cristalina que todos possam compreender e respeitar. Êstes olhos permitem compreender o fenômeno do silêncio, cúmplice, cuja causa não se arraiga no temor das represálias da Mafia, mas pelo contrário, no ciúme da própria autonomia e em um obscuro pressentimento de outra Justiça da qual não há como escapar.

A película é, com efeito, a história de um juiz no comêço de sua carreira que, armado de seu valor e de sua fé, tem que lutar contra a criminalidade, contra o egoísmo dos ricos, contra a ignorância dos humildes e, por fim, contra o espírito autonomista da Máfia, para implantar, em um povoado perdido no centro da Sicilia, a Justiça superior da Lei, igual para todos. Por tanto, quando, ao concluir-se o drama, triunfa a atuação firme e leal do juiz, recordando aquêles olhos e escutando pronunciar a aprovação de todos, a frase titual EM NOME DA LEI, ninguém poderá considerar arbitrário e forçoso o acertado final desta humaníssima película, baseia-se ela em uma novela de côr local, intitulada "Piccola Pretura", cujo autor, Giuseppe Loschiavo, siciliano de nascimento, foi durante vários anos "Pretore" (juiz) em um pequeno distrito de sua ilha. Por tanto, esta história tem o caráter imediato e sabor de uma real experiência da vida, não podendo, por isso, não atrair a atenção de um diretor como Pietro Germi. Pietro Germi, de origem genovesa — cujo nome é bastante conhecido no estrangeiro, pelo êxito conseguido tanto pelo famoso filme "Juventude Perdida" como pela menos clamorosa mas também célebre "Il testimone", filmes que o lançaram como grande diretor no mundo, — pertence àquele grupo de novos diretores da escola italiana de após-guerra que chamou a atenção e mereceu a aprovação da crítica e do público do mundo inteiro. Entre os protagonistas, MASSIMO GIROTTI, que interpreta o papel principal, o do Pretor Guido Schiavi, é o jovem ator cujo renome se deve principalmente à sua interpretação de "Juventude Perdida", de Germi, de "Fabiola", de Blasetti, e "Obsessão", de Visconti. No papel do antagonista do Pretor — o Barão Lo Vasto — encontramos um nome novo entre os atores do cinema italiano, o de Camillo Mostrocinque, já bem conhecido como diretor, que todavia aparecera como ator pela primeira vez. Jone Salinas representa a Baronessa Lo Vasto. O veterano ator francês da tela, Charles Vanel, faz admirávelmente a parte de Chefe da Mafia, o agricultor Turi Passalacqua.



SHELLEY WINTERS é, sem dúvida, uma das «estrêlas» de Hollywood que mais tem estado em evidência no noticiário especializado. Seu romance com o ator italiano Vittorio Gassman, já nosso conhecido, parece que continua firme, e segundo declaram acabará mesmo no altar. Ei-la aqui, num feliz flagrante ao lado de seu futuro marido. Dizem que, ao receber um telegrama de sua amada, em que ela declarava: «Sinto-me só», Gassmann, voou diretamente à Califórnia, aonde permanecerá o tempo suficiente para levar ao altar a sua loura e bela Shelley.

ESTADOS UNIDOS

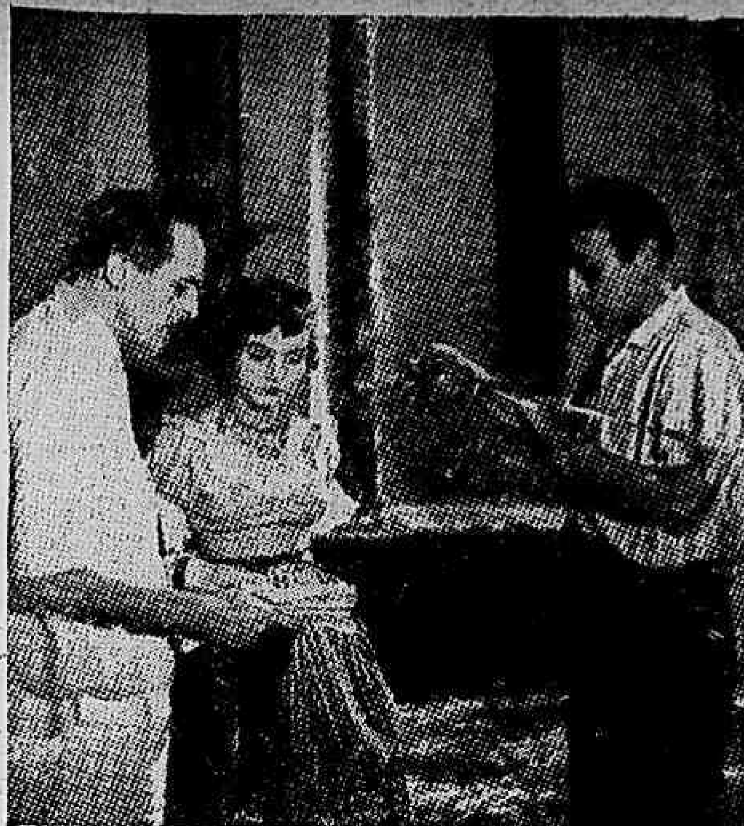
NA nova película estrelada por Robert Taylor e a francesa Denise Darcel, O PODER DA MULHER (Westward The Women), em que participam duzentas mulheres, são empregadas sessenta carroças bem como correspondente número de cavalos e mulas. Essa película é baseada numa história original de Frank Capra, com argumento para a tela escrito por Charles Schnee. Foi dirigida, em locação em Utah, por William A. Wellman. O filme descreve uma jornada perigosa rumo à Califórnia, empreendida por audazes mulheres que se decidem encontrar-se com os respectivos esposos no Oeste bravio. Taylor interpreta o guia que as conduz através da longa viagem.

★

Gene Kelly, responsável pelo sucesso de muitas garôtas bonitas na tela, que dansaram a seu lado, apresenta-nos agora uma nova e encantadora "estrêla", a atriz francesa Leslie Caron. A "petite danseuse" é sua companheira em SINFONIA DE PARIS (An American In Paris), encantador musical baseado na música de George e Ira Gershwin, sendo o argumento de autoria de Alan Jay Lerner. O technicolor teve a dirigí-lo Vincente Minnelli e conta no elenco com Nina Foch, o novato George Guetary e Oscar Levant, entre outros.



DEPOIS DE QUINZE ANOS, Anton (ou Adolf) Wohlbrueck, voltou para a Alemanha, e enquanto aguarda uma «chance» no cinema de sua pátria, vai trabalhar em teatros de variedades.



EM UM ESTÚDIO de Roma, René Clair, o diretor de «La Beante du Diable», explica a Nicole Besnard, uma seqüência do filme. Gerard Phillipe, o excelente e jovem ator francês é o ator principal da nova produção.



JEAN SIMONS, preparada para uma cena de «Androcles and the Lion», enquanto aguarda a chamada do diretor, transmite para os rádio-ouvintes inglêses, suas impressões sôbre Hollywood.

NOTAS INTERNACIONAIS

★ *GUIDO SALVINI terminou em Roma a filmagem de "Clandestino para Trieste", tendo como intérpretes Doris Duranti (que já estêve no Brasil), Jacques Sernas e Massimo Giroti.*

★ *CONVALESCENTE de sua recente enfermidade, Danièlle Delorme, saiu pela primeira vez, para assistir a "première" de "Miracolo a Milano", de De Sica. Tomará breve, novamente o seu lugar em "Colombe", no teatro de L'Atelier, e em princípios dêste ano será a estrêla de "La Jeune Folle", de Ives Allegret.*

★ *Teve início a 5 de dezembro, próximo passado, nos estúdios de "Faubourg Montmartre", o festival do filme soviético, que terá a duração de dezesseis semanas, no transcurso das quais serão apresentadas dezesseis das melhores produções russas, isto é, uma por semana.*

★ *TERÁ INÍCIO dentre em breve, nos estúdios holandeses, a filmagem de "Holland's Gloire", baseado num romance de Jan de Hartog.*

★ *ESTÃO SENDO elaborados em Praga, dois filmes educativos de curta metragem sôbre a arquitetura pre-gótica e gótica, na Morávia.*

E' tremendo o sucesso que vem obtendo QUO VADIS em suas primeiras apresentações. Os críticos são unânimes em reconhecer na película um impressionante, espetáculo realizado no cinema. QUO VADIS, que foi inteiramente filmado na Itália, em technicolor, é estrelado por Robert Taylor e Deborah Kerr e conta com o maior elenco até hoje reunido numa película cinematográfica. Esta monumental obra da Metro foi dirigida por Mervyn Le Roy.

★

Mário Lanza está de volta em Hollywood, pronto para começar seu novo filme BECAUSE YOU'RE MINE após uma ausência no interior de Oregon, onde se preparou para seu papel. O popular astro-cantor aproveitou o ensejo para restaurar as energias seguindo à risca salutar programa diário numa vida ao ar livre.

★

Robert Taylor e Stewart Granger aparecerão juntos em ALL THE BROTHERS WERE VALIANT, drama da Metro a ser produzido por Pandro S. Berman, baseado na novela de Ben Ames Williams.

★

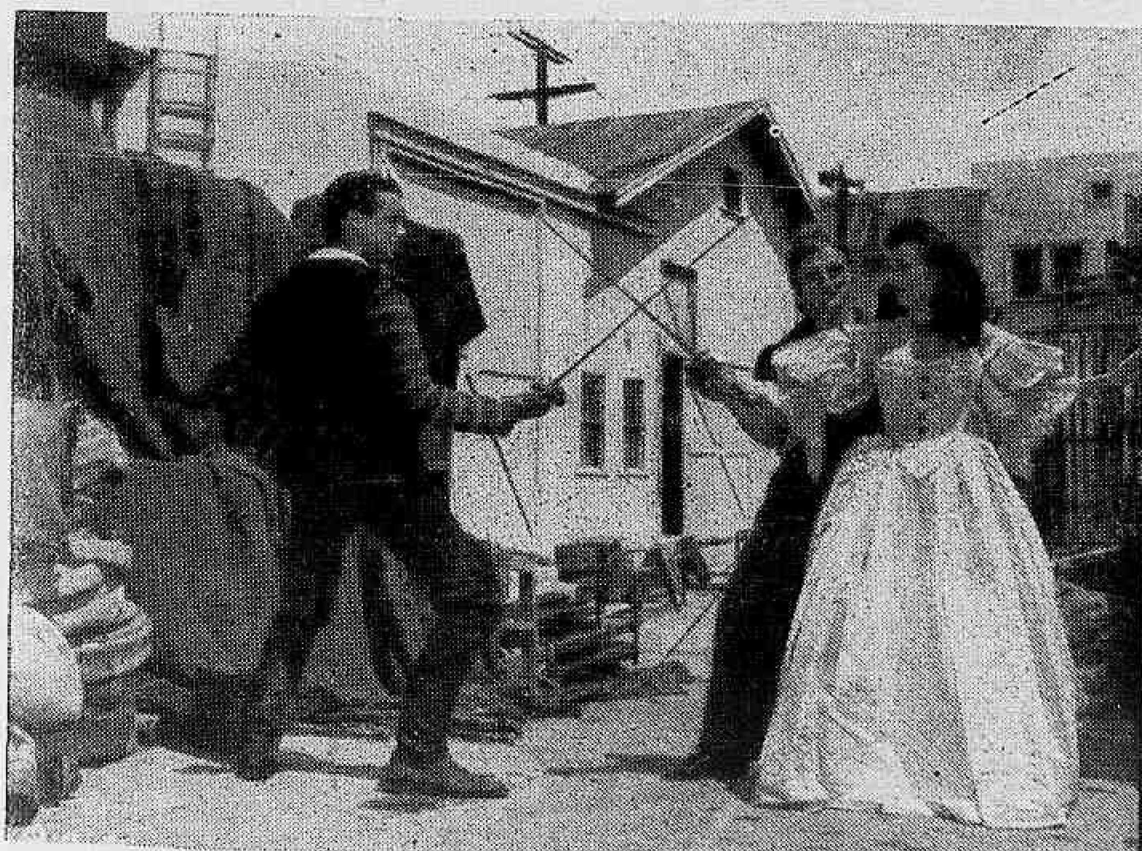
Arthur Freed e Gene Kelly regressaram de Nova York. onde passaram uma semana a fim de acertar pormenores de INVITATION TO THE DANCE, musical estrelado por Kelly e dirigido por Freed.

★

O Diretor Andrew Marton regressou da Alemanha, onde preparou locações para a filmagem de THE DEVIL MEKES THREE, da Metro, a ser estrelado por Pier Angeli e Ralph Meeker.

★

Janet Leigh e seu marido Tony Curtis partiram para Londres, onde aparecerão no 'Annual Playing Fields of Britain Benefity. Janet Leigh terminou recentemente seu trabalho na película SCARAMOUCHE, ao lado de Stewart Granger, Eleonor Parker e Mel Ferrer.



PRATICANDO PARA o próximo filme em que aparecerão juntos, aqui estão, Richard Greene e Bárbara Hale, os principais intérpretes de «O Castelo Invisível», da Columbia.



NADA COMO um banho de sol para amorenar a pele, e Alexis Smith, aproveitando um intervalo nas filmagens de «Umdescover Girl», descança um pouco palestrando com o diretor Joe Pevney.

O FILHO DE INGRID BERGMAN

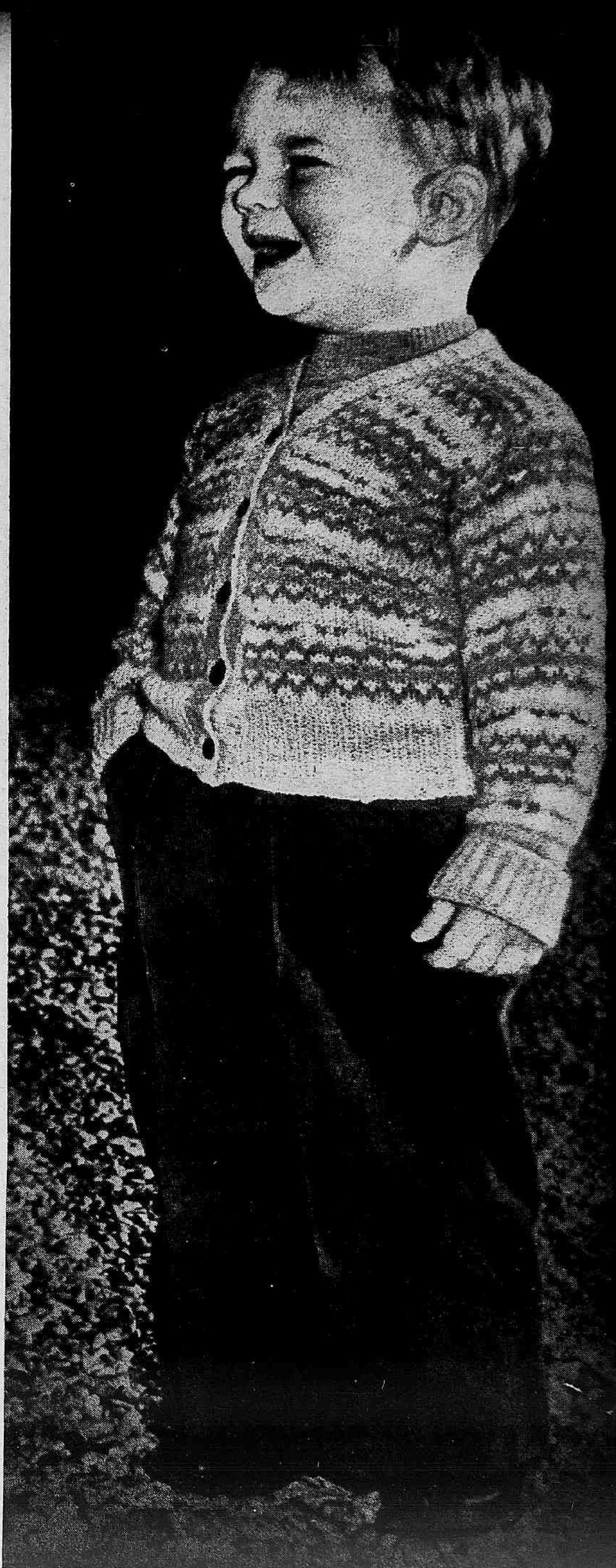


O pequeno Roberto, filho de Ingrid Bergman e Roberto Rosselini, assistiu há pouco, pela primeira vez, a sua famosa mamãe trabalhar ante as câmaras. Robertinho, que completará dois anos em fevereiro próximo, não se mostrou muito impressionado com a luz dos refletores e o movimento do estúdio, palestrando um pouco com os que lá se encontravam em italiano e francês, idiomas êsses que sob os cuidados de Ingrid e de uma ama de origem sueca, vem aprendendo cuidadosamente. Ingrid, que após dois anos de afastamento dos estúdios, vem de recomeçar a sua interrompida carreira cinematográfica, dedica todo o seu tempo disponível a Robertinho, interessando-se pessoalmente pela sua educação. Depois de haver obtido em 50, o divórcio de Peter Lindstrom, Ingrid, raramente teve contato com a sua filha Pia. O último encontro teve lugar em Paris, em agôsto p.p., depois do que, por sentença do tribunal de Los Angeles, foi esta confiada à tutela de seu pai. Apesar de tudo, ela continua a seguir os passos de sua filha, através uma constante correspondência. Nas fotos, vemos Robertinho em companhia de sua mamãe, com uma amiguinha e com seu pai, em flagrantes colhidos quando visitava os estúdios, nos quais, Ingrid, sob a direção de Rosselini, filma atualmente "Europa 51", filme êste que marca a sua volta ao cinema. Embora bastante vivo na intimidade, quando na companhia de estranhos. Robertinho torna-se tímido e retraido, não gostando de brincar nem conversar com quem não conhece. Ingrid está orgulhosa de seu garotinho e na intimidade chama-o "Bebé" ou "Robin", apelido a que êle atende prontamente.



ROBERTINHO VISITA O ESTÚDIO







FLOR DE SANGUE

NO decorrer do ano de 1837, havia no Canadá uma conspiração de revoltosos exaltados que pretendia libertar o país do Império Britânico. Sentiam haver chegado a hora de quebrar os laços que os uniam à Inglaterra, pois os inglêses não reconheciam os direitos dos povos de suas colônias. Por êsse motivo reuniram-se, alguns mais exaltados, e iniciaram uma conspiração. Quem comandava tôda essa rebelião era Stephanie Durrossac, conhecidíssima também pela alcunha de "La Fleur Sanglante".

Stephanie chefiava tôda essa rebelião, porque possuia fortes razões pessoais para assim proceder. O comandante em chefe e governador da cidadela era o cel. Durrossac, marido de Stephanie, que apesar de seus quinze anos de casados, jamais haviam vivido juntos. Charles Douglas era o homem a quem ela realmente amava, porém, sendo um foragido do govêrno inglês, não poderia dar-lhe a felicidade que ela merecia. Stephanie tivera um filho de Charles, que levara a criança para bem longe, onde ela não ficasse sob o jugo do cel. Durrossac, o qual era odiado por Stephanie por ter perseguido à criança quando ela nascera. Êsse ódio não arrefecera, apesar de já se terem passado muitos anos.

Charles, que durante o tempo de foragido havia se tornado herói e líder dos viajantes, foi também um auxiliar valiosíssimo de Stephanie, pois conseguia voluntários para sua milícia rebelde. A vigilância inglêsa tornou-se mais cerrada, depois que desconfiaram da rebelião. Começaram a dar buscas e, numa dessas, capturaram diversos líderes, enfraquecendo assim o comando dos rebeldes.

Enquanto isso, Charles, sorrateiramente, infiltrava-se em Quebec, para encontrar-se com Stephanie, e persuadí-la da idéia de rebelião, pois seus comandados não eram suficientes para tomar conta da situação, caso vencessem. Charles ia acompanhado de seu filho Mark, que crescera sem um ambiente familiar, e portanto era quase um selvagem. Mark, ignorando ser "La Fleur" sua mãe, estava ansioso por encontrar-se com ela, pois a admirava pela sua fôrça de vontade e seu desejo de libertar seu país.

O Padre Antoine, amigo de Charles e Stephanie, desaprovava a rebelião e também a idéia de Charles em trazer seu filho para Quebec. No encontro de Mark e Charles com Stephanie, esta sente-se constrangida na presença de seu filho, mas consegue disfarçar o parentesco existente entre êles. Charles dá sua opinião contrária sôbre a rebeldia, mas Stephanie é irrevogável em sua decisão e não aceita seu conselho.

"La Fleur", transmite a Charles seu desejo, que era o de que êle salvasse os rebeldes, em vias de serem transportados para Quebec. Charles aceita a incumbência e parte com Mark.

Êle leva seu filho para a luta que travaram, os comandados de "La Fleur", e o destacamento que conduzia e guardava os prisioneiros. Os rebeldes saem vitoriosos e Charles manda Mark transmitir a Stephanie o sucesso alcançado.

Ao vê-lo, Stephanie não resiste à tentação de mantê-lo junto a si e, para isso









ela o incumbe de um trabalho qualquer em Quebec. Esta incumbência era de tal maneira arranjada, de modo que êle não caisse nas mãos odiosas do cel. Durrossac, pois andava desejoso de encontrar-se com o rapaz.

Madelon, companheira de Stephanie, morava na mesma casa que Mark, e com sua beleza contagiante e peregrina, inspira-lhe amor. O sentimento que Mark alimentava em seu coração por Madelon foi retribuido e ambos passavam momentos felizes em suas buscas no mundo dos sonhos...

Havia, porém, um impecilho a êsse amor; era Jeannine, filha adotiva de um taberneiro, cuja casa de negócios situava-se em frente ao local onde os conspiradores se reuniam sob o comando de Charles para deliberar sôbre a rebelião. Jeannine, embora sabendo que Mark não a amava, nutria por êle um ciume doentio, e também o amava com tôda a pujança de sua alma mestiça.

Em seus encontros, arquitetaram um audacioso plano, que consistia em alijar as tropas britânicas para Quebec e capturar a cidadela. Próximo à fortaleza havia um túnel, pelo qual infiltraram-se todos os conspiradores comandados de Charles. O ataque deveria coincidir com os outros mil homens que estavam sob o comando de Charles e que se lançariam sôbre as tropas britânicas existentes no local. Tudo saira a contento e a batalha estava favorável aos rebeldes, quando a sorte mudou para o lado dos britânicos. Com a situação a seu favor, o exército inglês exterminou os rebeldes. No fim da batalha, Madelon verifica que sua mãe e irmão pequeno haviam sido feridos e por esta causa ela voltava-se contra Mark e Stephanie.

As tropas inglêsas, vencedoras da batalha, fizeram vários prisioneiros e Charles, com o propósito de conseguir liberdade para os seus comandados, entrega-se ao cel. Durrossac, fazendo com isso que o governador, cheio de ódio, mate-o estúpidamente. Ao tomar conhecimento da morte de seu pai, Mark reune o restante dos rebeldes e ataca a cidadela, mas o ataque é frustado e êle recebe graves ferimentos. Ao vê-lo quase capturado, Stephanie corre em seu socorro, salva-o com a própria vida. Nas averiguações da morte de "La Fleur", submeteram Durrossac à Côrte Marcial, por responsabilidade direta na morte da espôsa.

Durante sua recuperação, Mark vem a saber que Stephanie era a sua mãe, e que seus planos não foram realizados, pois a revolta terminara sem a vitória desejada. Quando se encontra com Madelon, vê que seu amor ainda era o mesmo e que ela também o amava, mesmo sabendo que êle era filho de "La Fleur Sanglante"...

(QUEBEC)

ELENCO:

Madame Stephanie Durrossac	**Corinne Calvet**
Cel. Durrossac	**Don Haggerty**
Charles Douglas	**Patric Knowles**
Mark	**John Barrymore Jr.**
Padre Antoine	**John Hoyt**
Madlen	**Bárbara Rush**
Jeanine	**Niki Duval**

Argumento e produção de Alan Lemay — Direção de George Templeton.

PROBLEMAS HUMANOS

Dr. LUÍS FRAGA

À LUZ DA PSICANÁLISE

DIFICULDADES DE UMA JOVEM

A senhorita Tânia marcou uma consulta, com dois dias de antecedência, insistindo para que a enfermeira lhe informasse qual a hora de menos movimento na sala de espera.

A senhorita Tânia tem 25 anos de idade, é loura, não é feia, mas chega a ser bonita. Um metro e sessenta centímetros; 54 quilos; antecedentes pessoais e familiais bons. Econômicamente remediada, é funcionária pública e reside com a família, isto é, pais e dois irmãos menores, na zona sul do Distrito Federal.

Reflexos exageradamente aumentados, olhos cansados, de quem dorme mal. Voz alterada no timbre, falando pausadamente e com reticências.

SRTA. TÂNIA — Acho que seria uma boa mãe; sei porque sou muito carinhosa com as crianças. Levanto-me à noite para cobrir os meus irmãozinhos, choro quando êles sofrem.

MÉDICO — Também a gata é terna para com seus filhinhos. E' um instinto cego que pertence à planta, ao inseto, às aves. A missão da mulher mãe não é criar um bípede inteligente, mas um homem completo, cujas paixões participam tôdas do belo e do infinito; que sabe escolher, no futuro, a sua companheira e inspirar os seus filhos.

O homem nasce para o prazer e para a dor; a mulher nasce para o amor de Deus e a humanidade. Cabe à mulher o trabalho de desenvolver a alma da criança como exemplo edificante e argúcia de seu instinto.

— Ser mãe não é apenas "desdobrar fibra por fibra o coração".

— Ser mãe é assumir para com Deus e para com a humanidade, o compromisso sagrado de fazer um cidadão.

— A senhorita encontrará por aí quem interrompa êsse trabalho sublime que a natureza executa, sob a inspiração Divina, tendo, para tal, escolhido a mulher. Há por aí quem possa e queira interromper a mracha do seu destino. Não encontrará, todavia, a senhorita Tânia, quem lhe interrompa a marcha cadenciada da consciência, pelos anos sem fim...

A senhorita Tânia, que se ausentou do consultório por algum tempo, volta acompanhada de uma "babá" e traz ao colo um bebê forte e bonito. A mãezinha está visìvelmente feliz.

SRTA. TÂNIA — O Dr. é um pouco responsável por isto (aponta a criança). Mas eu estou feliz e talvez compreenda agora as palavras que estão em minha ficha clínica e que o senhor me fêz ler um dia...

MÉDICO — A senhorita ainda voltará aqui outra vez, para repetir com orgulho as palavras de Shakespeare: "Tive menos alegria ao vê-lo nascer, do que ao vê-lo praticar uma ação de homem".

CORRESPONDÊNCIA

MARLENE (S. Paulo) — Continue com o regime.

JÚLIA (D. F.) — Meu consultório é: Rua Senador Dantas, 76, 4º. Diàriamente, à tarde.

CREMILDA (S. Catarina) — Não convém.

M. MONTEZ (Brusque) — Recebi.

TÍLIA (Recife) — Impossível.

P.S.J. — Sairá no próximo número sob o título de "Alcoolismo".

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

Todos os relatórios destinados à esta seção deverão ser endereçados para: Dr. LUÍS FRAGA — Redação de A CENA — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Seção "Problemas Humanos" — Rio de Janeiro.

COUPON

Nome: ....
Pseudônimo: ....
Data do nascimento ....
Estado civil: ....
Profissão: ....
Residência ....

MÚSICA - OFÉLIA DO NASCIMENTO EM PARIS

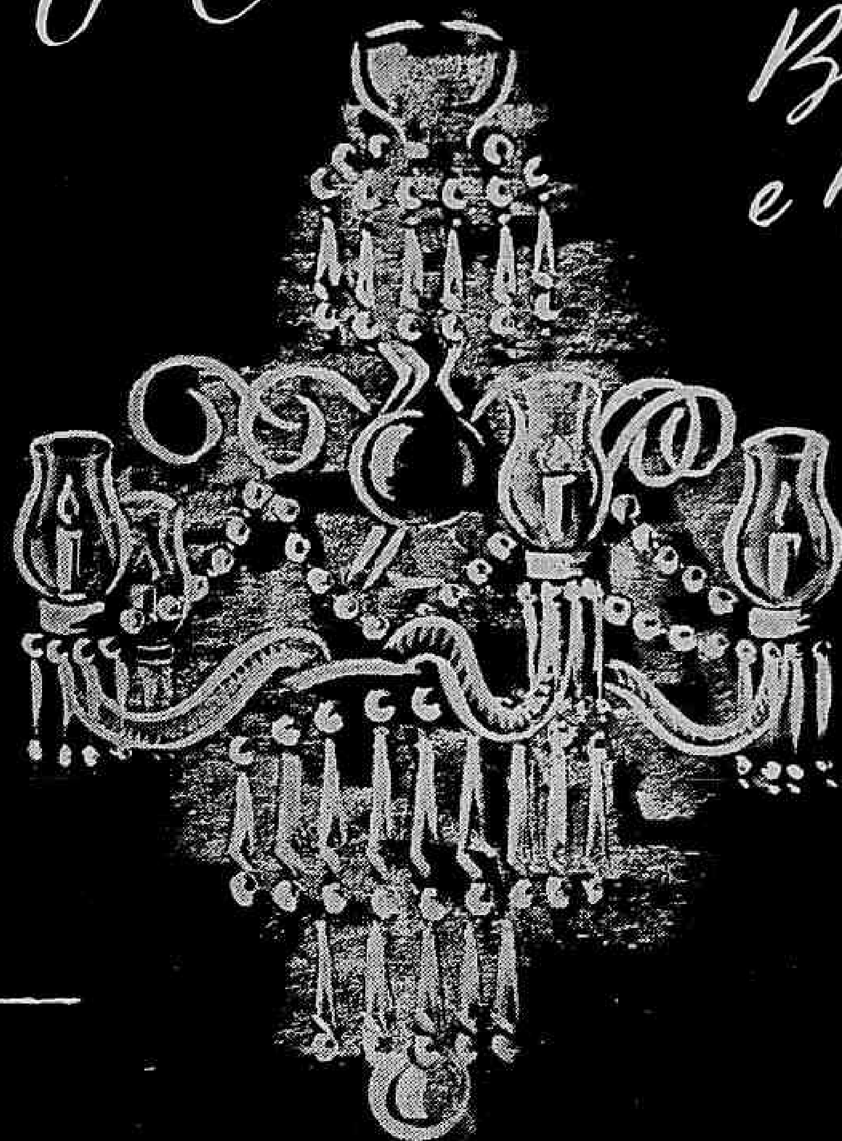


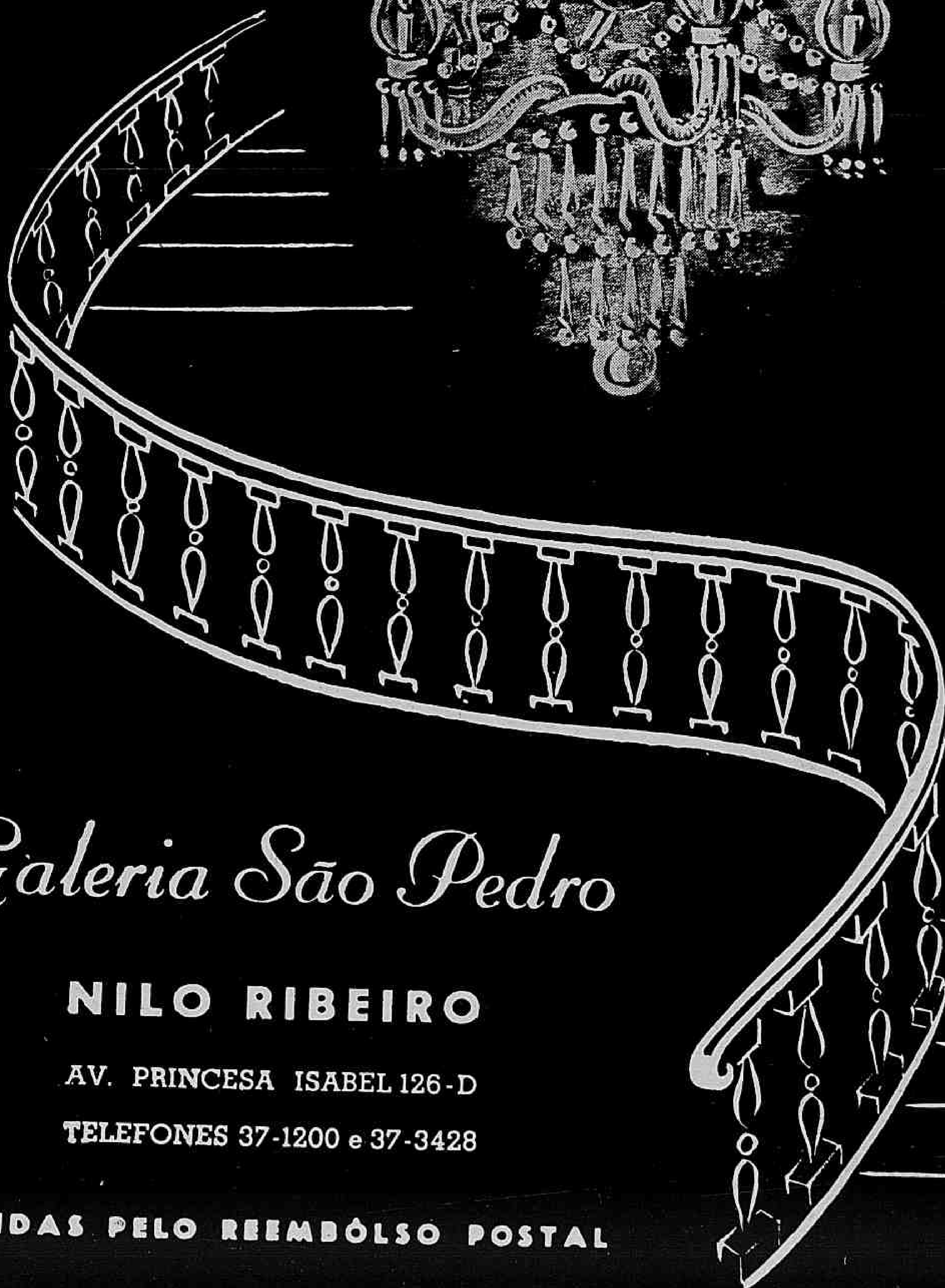
NOTÍCIAS recém-chegadas de Paris, dão-nos conhecimento do êxito que vem obtendo, naquela cidade, a conhecida artista brasileira, pianista Ofélia do Nascimento. Dona de inegável talento, de técnica e recursos inesgotáveis, Ofélia do Nascimento é, sem dúvida alguma, um legítimo expoente da nossa plêiade de artistas. Intérprete por excelência de Bach, não é esta a primeira vez que colhe os louros de uma carreira que abraçou com todo ardor e para a qual, não lhe podemos negar os méritos de grande «virtuose». Tendo já, se apresentado em três «causeries-recital» (conferências-recitais), a 18 e 25 de novembro, e a 2 de dezembro, próximos passados, na «Salle Cortôt», da «Ecole Normale de Musique», versando as mesmas sôbre Bach e sua obra, deverá provàvelmente realizar em fevereiro próximo uma quarta conferência, na qual abordará o tema: «Clavicin ou Piano, pour la musique de Bach?», na famosa «Salle Pleyel». Ainda a 3 de março próximo, Ofélia do Nascimento, na tradicional sala do Conservatório de Música de Paris, realizará um novo recital, executando novas peças de Bach, e estreiando nesta ocasião como clavicinista, gênero êste pouco explorado hoje em dia, e no qual Ofélia do Nascimento poderá vir a ser uma digna sucessora de Wanda Landowska. Recebida com real entusiasmo pela crítica e pelo público de Paris, eis o que disse sôbre ela, De Essart, eminente crítico musical de «Cri de la France», considerado como um dos mais exigentes de Paris:

«Na verdade, do grande Bach, não interpretado superficialmente, como o fazem tantos pianistas e com tanto se contenta o público, mas em «profundidade». Foi na UNESCO que tivemos a grande alegria de ouvir esta artista integralmente, com emoção, a uma só vez, simples e grandioso. Ofélia do Nascimento compreende «integralmente» o «divino cantor» e sabe exprimir e fazer partilhar sua compreensão; é próprio dos grandes artistas...»

Lustres

Baccarat e Bohemia







HRM

Galeria São Pedro

NILO RIBEIRO

AV. PRINCESA ISABEL 126-D

TELEFONES 37-1200 e 37-3428

VENDAS PELO REEMBÔLSO POSTAL

PANORAMA DO CINEMA AMERICANO

(Conclusão)

HÁ mais uma repetida crítica que nos atinge em cheio, de tempos em tempos. É manifestada por intelectuais, por "entendidos", por cínicos e, algumas vêzes, por honestos críticos em busca de um cinema de mais realismo. Isso eu gostaria de examinar detidamente. A crítica é ao **sentimentalismo**. Os filmes americanos são **sentimentais**.

Sentimentalismo é uma palavra polida, em muitos casos, para pieguice, que é o que na nossa gíria de cinema poderíamos considerar "hokum". Há muitas histórias em tôrno dos derivativos dêste termo — "hokum" — mas êsses não nos interessam hoje. Mas a palavra "sentimentalismo" é alguma coisa a que eu gostaria de estar ligado hoje, amanhã e sempre. Eu gostaria de dar-vos uma definição de dicionário acêrca de sentimentalismo — que é "o sentimento, a emoção que surge às vêzes mais pelo sentir do que pelo raciocinar. Expressão de emoções ternas, especialmente amor".

Lin Yutang fala sôbre isso em seu livro — "Sôbre a Sabedoria da América". Êle discute sentimento — como oposição à razão — em uma história que conta sôbre música. Diz êle que se, como um homem razoável, lhe pedissem para descrever uma sinfonia executada por uma orquestra de instrumentos de cordas, êle diria que para êle a sinfonia poderia ser descrita como o resultado de uma fricção de cordas instrumentais, nada mais. Admite que alguém poderia comentar que isso não era verdade; que era uma questão de arranjo de notas, de certas posições de dedos e cordas, além do sentimento e o talento que os musicistas haviam deixado na partitura — a compreensão do ouvido, do coração e do espírito.

Mas, diz êle, o argumento não procede. Numa côrte de justiça, ninguém poderia duvidar de que o som produzido pelos violinos, os violoncelos, etc. — era devido, sem dúvida alguma, ao som produzido pela fricção contínua, repetida, de cordas instrumentais.

A verdade, naturalmente, é que muitas coisas em nossas vidas, nossa história, nossas tradições, são determinadas não pela razão sòmente, mas pelo sentimento. E isso não é coisa de que nos envergonhemos, nem que nos cause embaraços, nem que nos torne encabulados.

Na história Americana, os homens que primeiro sonharam com a república Americana foram certamente sentimentais. Certamente, se êsses homens houvessem empregado a razão, a própria idéia de revolta contra uma nação poderosa como a Inglaterra, no fim do século XVIII, seria absurda. Certamente seria razoável presumir que os revolucionários seriam enforcados, fatalmente. Seria razoável presumir que os regulares britânicos, veteranos de muitas vitórias estrangeiras, estavam habilitados a dominar muito fàcilmente os voluntários americanos — mal equipados, mal alimentados, mal municiados. Certamente seria razoável supor que os grupos dispersos que abrangiam as treze Colônias encontrariam dificuldades para enfrentar suas diferenças. Certamente, seria razoável presumir que todos êsses Estados, com heranças e convicções muito suas, não sacrificariam nada da sua soberania para compor os Estados Unidos da América.

Previsões tôdas muito razoáveis. Mas as pessoas que enfrentam todos êsses fatos razoáveis eram sentimentais. Eram pessoas que haviam crescido com idéias sentimentais, como "Dai-me a liberdade ou dai-me a morte", ou "Lamento só ter uma vida para dar ao meu país". Ou melhor, considerem o "slogan" — "A busca da Felicidade". Isso, sobretudo, é uma noção sentimental. Entretanto, podemos ver êsse sentimento — em outras palavras, "a emoção que surge às vêzes mais pelo sentir do que pelo raciocinar". Palavras que fazem grande, grande sentido — um sentido que é peculiar e característico ao caráter americano.

O exemplo clássico — e estou certo de que os senhores já o perceberam — é a Constituição dos Estados-Unidos. Um dia isso foi um sonho, o sentimento de alguns idealistas. Hoje é a lei da terra. A própria Lei foi um dia um sonho rude; hoje, nós, que vivemos na República dos Estados-Unidos — a mais abençoada forma de govêrno criada pelo homem — vivemos dela.

Em outras palavras — o sentimento de uma geração torna-se a razão da próxima geração.

Hoje, a fraternidade do homem é um sonho de sentimentais. As Nações Unidas operam de acôrdo com êsse "sonho", e, com a ajuda de Deus, torná-lo-á a fita métrica para medir o comportamento de seus mentores. NÃO MENOSPREZEIS O SENTIMENTO; há nêle mais do que os olhos alcançam — é o que atinge o coração.

Quando somos despertados pela teimosia, pela atitude sem razão que vemos na crise russa de hoje, olhamos em tôrno em busca de respostas — respostas que foram difíceis de achar. Tornamo-nos sentimentais acêrca de nossa Democracia — nosso modo de viver, buscamos palavras que nos confortassem. E temos o direito de procurar essas coisas. Mais uma vez, não temos razão para embaraços, vergonha ou timidez por causa de nosso sentimentalismo, porque aqui estamos enfrentando não a razão, mas o que não é razoável — a falta de razão. O que estamos encarando é uma onda de consciente e teimoso propósito de ter de fazer o que um pequeno grupo de homens quer que seja feito.



O pequenino John Basehart, de apenas seis semanas de idade, posa para o fotógrafo, pela primeira vez no colo de sua mamãe, a atriz Valentina Cortese. A seu lado está o seu papá, o ator Richard Basehart, que vem de obter recentemente um grande sucesso, pela sua interpretação de «Horas Intermináveis» (14 Hours), seu mais recente trabalho

NA SOMBRA DO CRIME

(Cont. da pág. 14)

sição da terrível droga. A fim de obter do médico inteira confiança, ela acaba aceitando a côrte amorosa que êle lhe rende e quando então vem a saber ter êle um filho a quem muito estima e a quem mantém internado num colégio, evitando que venha o filho a saber das vergonhosas atividades que pratica.

Mas um dos membros da quadrilha avisa o Doutor Holmes da ligação da moça com a polícia e com Trent. Quando Cristina chega ao consultório para ultimar um negócio, êle ameaça matá-la como traidora. Ela então de sua parte faz-lhe ver o que diria o filho quando soubesse que o

Mais uma vez, na história do mundo, enfrentamos a situação que nos obriga a usar nosso sentimento, gostemos ou não.

Foi "desarrazoado" para nós entrarmos na Coréia; foi "desarrazoado" para nós tomar os riscos que tomamos, e entretanto êstes riscos tinham que ser tomados porque ultimamente, afinal, em qualquer côrte de justiça do mundo em que se verifique o julgamento final — qualquer que seja a decisão que a Côrte tome não será bastante para nós dizermos que "o som produzido era causado por uma fricção de cordas instrumentais". Teremos de dizer que era mais que isso; que a sinfonia que ouvimos incluía palavras sentimentais como "Liberdade", "Tolerância", "Democracia", etc. Teremos de dizer que a sinfonia envolvia o som de um homem livre morrendo; envolvia o direito aos homens de pensar como êles bem entendessem; ler o que quisésssem ler; ver o que desejassem ver; ouvir a música que lhes agradasse. Tôdas essas coisas são bem sentimentais.

Voltemos agora ao meu negócio. Sim, temos usado grande quantidade de sentimento em nossos filmes. E que tem isso? Por estranho que pareça, nosso uso de sentimento tem contribuido para os costumes Americanos, o que reflete a influência dos filmes. Os filmes têm contribuido com muitas, muitas coisas — desde o nosso modo de vestir até ao padrão de vida. Os pedidos de banheiras, telefones (particularmente telefones manuais), automóveis, móveis, estílos de roupa, arquitetura — tôdas essas coisas têm recebido colorido e impulso dos filmes cinematográficos. A personalidade Americana argumenta que, se o vizinho tem tal coisa, muito bem, tal coisa serve também para ela. E que se a gente do cinema tem tal coisa, muito bem, outra vez. Os industriais vivem alarmados com as inovações apresentadas nos filmes. Os fabricantes de chapéus sentem-se perdidos se os nossos "astros" não usam chapéus nos filmes, porque isso causa uma queda vertiginosa na venda de chapéus. Quando, uma vez Clark Gable revelou que não usava camisa-de-meia, a venda dos vendedores dessas camisas decresceu de modo alarmante. (Isto não é recurso de publicidade; é a verdade).

Históricamente, o reduto cinematográfico nunca se tem adiantado muito à opinião pública. Nem tem estado aquém. Um dos primeiros exemplares da influência do cinema sôbre o espírito humano é um filme pelo qual foi responsável THEODORE ROOSEVELT. Chamava-se THE BATTLE CRY OF PEACE, e seu propósito era alertar americanos contra os perigos do Kaiserismo. Êsse filme fêz muito para esclarecer sôbre o sentido da mentalidade dos Junkers prussianos ao povo americano. Alguma coisa no espírito humano se movimentou — e com razão, porque o filme esclarecia que tôdas as bênçãos que nós mais prezamos — liberdade e paz — estavam ameaçadas. Êsse foi provavelmente o primeiro. Muitos outros apareceram. CONFISSÕES DE UM ESPIÃO NAZISTA despertou o povo americano, até então adormecido, a propósito da crescente ameaça do Nazismo. NUNCA ESQUECEREMOS (They Won't Forget) e FÚRIA apontaram a iniquidade dos conflítos raciais, descriminações e intolerância. RANCOR (Crossfire) e A LUZ É PARA TODOS (Gentlemen's Agreement) exploraram, para que todo o mundo o visse, a tolice que é o anti-semitismo. Nestes últimos anos documentamos os males do Comunismo com filmes como FUI COMUNISTA PARA O F. B. I., A CORTINA DE FERRO, O DANÚBIO VERMELHO, TRAIDOR e 49 outros. Há outros exemplos que demonstram como os filmes têm tentado elevar e dignificar todos as elementos da raça humana. Essa é uma responsabilidade a que a indústria cinematográfica americana não se tem esquivado, mas tem enfrentado com todos os seus vastos recursos e seu talento.

Se houver qualquer dúvida sôbre o impacto dos filmes sôbre a vossa vida, nomearei alguns filmes que vos têm falado de perto. Eu me espantaria se me dissésseis que, tendo visto êstes filmes, não vos haveis sentido tocado ou afetado por êles: OS MELHORES ANOS DE NOSSA VIDA (Best Years of Our Lives); RANCOR (Crossfire); A LUZ E' PARA TODOS (Gentlemen's Agreement); ...E O VENTO LEVOU (Gone with the Wind; O PREÇO DA GLÓRIA (Battleground); À NOITE SONHAMOS (A Song to Remember); QUEM E' O INFIEL? (Letter to three Wives); O PAPAI DA NOIVA (Father of the Bride); WILSON; O TESOURO DE SIERRA MADRE (Treasure of Sierra Madre); O SEGRÊDO DAS JÓIAS (Asphalt Jungle); O TESTAMENTO DE DEUS (Stars in My Crown); CASABLANCA; O BOM PASTOR (Ging My Way); NA COVA DAS SERPENTES (The Snake Pit); FARRAPO HUMANO (Lost Weekend) e O GRANDE CARUSO (The Great Caruso).

Não vos atingiram profundamente êstes filmes — naquela curiosa área que costumamos chamar "ponto sentimental"? Se assim fôr, não vos intimideis ao reconhecê-lo. Não vos embaraceis, não vos envergonheis.

Há atualmente — e haverá muito proximamente — um contingente de muitos filmes que contribuirão para o bem-estar do espírito humano — filmes como A PLACE IN THE SUN, SINFONIA DE PARIS (AN American in Paris); DAVID E BETSABÁ (David and Bathsheba); BRIGHT VICTORY; ANJOS E PIRATAS, (Angels in the Outfield); THE DAY THE EARTH STOOD STILL, STREETCAR NAMED DESIRE, THE GREATEST SHOW ON EARTH, SATURDAY'S HERO, THE BLUE VEIL, O BARCO DAS ILUSÕES (Show Boat) e QUO VADIS. O que é uma lista parcial — mas êsses filmes representam pela inversão de esfôrço e capital uma inegável confiança não apenas em nosso futuro como na indústria, além de uma inegável fé em nossa terra e no mundo.

Deixai os críticos argumentar que parte dêssa inversão de esforços é sentimental. Nós, os da indústria, estamos perfeitamente dispostos a deixar que essa fé seja considerada sentimentalismo. Nós desejamos continuar usando nossa pena branca com dignidade, com orgulho e confiança.

Finalmente, posso apenas sugerir aos senhores, que quando leiam ou ouçam lúgubres alarmes e profecias concernentes à nossa Indústria, relembrem também aquela canção de que já tive ocasião de falar: — "Não é bem assim".

Muito obrigado.

---

pai se tornara um assassino, sendo, portanto, muito mais decente se êle procurar limpar seu nome, trabalhando pela causa que ela defende. Holmes diz-lhe que é Menig o cabeça da quadrilha ao mesmo tempo escreve ao filho uma carta confessando sua participação no tráfico de narcóticos.

Menig chega ao consultório com a droga que deve ser vendida à Cristina, droga essa que ela vai comprar com dinheiro fornecido e marcado pela polícia. O chefe da quadrilha, entretanto, muito perspicaz resolve levar todos para outro local onde deve ser feita a transação.

Quando a polícia, avisada por Cristina, chega ao consultório, encontra tudo vasio, en-

(Cont. na pág. 28)



Micheline Presle, casada com o diretor americano Bill Marshall, abandonou definitivamente o cinema de Hollywood, em vista dos péssimos papéis que lhe queriam dar. Voltou para Paris, onde recebeu há pouco a visita da cegonha. Aqui está ela fotografada num hospital de Neuilly, com sua filhinha, a quem deu o nome de Tony.



O mais recente filme de John é «A mulher que não pecou», no qual êle é o galã de Joan Fontaine. À esquerda, um recente «close-up» do astro



John Lund

JOHN LUND, um dos astros de mais rápida ascenção nos céus de Hollywood, antes de ser ator experimentou várias profissões tendo sido "garcarpeiteiro e até cavador de valas! No caso de Lund, porém, não era que êle estivesse marcando passo, esperando por uma oportunidade no teatro. Nunca a idéia da carreira teatral lhe passara pela cabeça até o momento em que lhe persuadiram a aceitar o papel principal da peça "Waiting for Lefty", uma produção de amadores.

Depois, por motivos financeiros, Lund arranjou emprêgo em uma agência de publicidade. O palco, porém, agora o atraía e êle acabou com um pequeno papel na Broadway. Nos momentos de folga êle experimentou escrever para o rádio e se saiu tão bem, que por algum tempo teve duas carreiras. A peça, entretanto, um dia saiu do cartaz e êle ficou só com o serviço de escrever para o rádio.

Isso não durou muito, pois o homem não conseguiu mais ficar afastado do palco e aceitou um papel que lhe ofereceram em "The Hasty Heart". A peça foi um grande sucesso. Foi quando se exibia esta peça que Henry Ginsberg, Vice-Presidente da Paramount encarregado da produção, descobriu Lund. Ginsberg achou que o nosso louro e simpático, John Lund era um tipo para o cinema e, assim, a Paramount contratou-o por longo prazo.

"Só resta uma lágrima" (To Each His Own) foi o primei-



John Lund surgiu diante dos frequentadores de cinema, pela primeira vez, no filme «Só resta uma lágrima» (To each His Own), representando ao lado de Olivia de Havilland. Pelo seu ótimo trabalho nesse filme, viu-se logo que Lund tinha uma grande carreira diante de si



Promovido a «astro», Lund apareceu como o destemido herói de Betty Hutton em «Minha vida e meus amôres» (The Perils of Pauline), história de Pearl White, a ousada rainha dos filmes silenciosos. Betty teve o papel de Pearl e competia a Lund salvá-la de tôda sorte de perigos



Em «Carícia perdida» (A Foreign Affair) Lund recebeu a espécie de papel que desejava. Êle não se considera o tipo de «mocinho» (embora os seus fãs não concordem com êle) e em «Carícia perdida» pode provar suas habilidades em um campo mais leve. Jean Arthur e Marlene Dietrich foram as co-estrêlas do filme



«A noite tem mil olhos» (Night Has a Thousand Eyes) é uma película mergulhada em mistério. Trata dos místicos e intuitivos processos da mente e deve fazer o seu cabelo ficar em pé. Lund co-estrela com Edward G. Robinson e Gail Russell

DE OPERÁRIO A ASTRO

ro filme de Lund. Os fãs se entusiasmaram com o forte e bonitão ator novo. Olivia de Havilland conquistou o "Oscar" pelo seu trabalho nesse filme que, assim, adquiriu grande popularidade, que se refletiu sôbre John Lund.

A seguir êle fêz o romântico herói de "Minha vida e meus amores" (The Perils of Pauline), estrelado por Betty Hutton que fêz o papel da destemida rainha dos filmes em série da época do cine mudo, Pearl White. Depois disso êle brilhou no grandioso filme musical da Paramount, em que apareceram 41 "estrêlas" e astros, "Miragem dourada" (Variety Girl). A primeira grande oportunidade que Lund teve para demonstrar a sua grande "queda" para a comédia apareceu na película de Brackett-Wilder, "Carícia perdida" (A Foreign Affair), história que ridiculariza uma suposta tentativa de um Comité do Congresso dos Estados Unidos para reformar a conduta dos soldados americanos em Berlim. Lund co-estrelou o filme como um simpático e responsável, porém brincalhão, oficial do exército, ao lado de Jean Arthur e Marlene Dietrich. Nesse tipo de papel êle se acho tão bem como um pato n'água. Depois vieram "A noite tem mil olhos" (Night Has a Thousand Eyes), forte drama baseado no poder de predizer o futuro exercido por um mágico de feira, ao lado de Edward G. Robinson e Gail Russell e "Carícia perdida" e a hilariante comédia "A dança dos milhões" (Miss Talock's Millions), com Wanda Hendrix, Barry Fitzgerald e Monty Wooley. Desta vez Lund mergulha-se novamente na comé-

(Cont. na pág. 22)



Em «A dança dos milhões» (Miss Tatlock's Millions) Lund, que aqui se vê treinando minhocas diante de Wanda Hendrix e Robert Stack, tem um dos mais engraçados papéis cômicos jamais criados. Representa êle um camarada normal que resolve passar por demente, a fim de dar uma lição na sua ambiciosa família. São co-estrêlas dêsse filme Wanda Hendrix, Barry Fitzgerald e Monty Wolley

JOHN LUND

(Cont. da pág. 27)

dia, encarnando um sujeito perfeito mas que resolve fazer papel de idiota. As platéias às quais o filme foi exibido de surprêsa riram-se tanto, que muitos trechos do dialogo foram perdidos, abafados pelas gargalhadas.

Quando lhe perguntam qual é a sua maior ambição, Lund sempre responde: "Aposentar-me". Até que chegue êsse dia, entretanto, o leitor pode ter certeza de que ainda aparecerão, a regular intervalos, muitos trabalhos de Lund, sempre maiores e melhores. A missão dos produtores de filmes é agradar ao público e, em vista da grande aceitação dos filmes de Lund, não há a menor dúvida de que os estúdios de John Lund não levarão a sério a sua ameaça de se aposentar, por muitos anos.

ATRIZES SUECAS

(Cont. da pág. 13)

Pela Meca passou também a célebre "estrêla" do cinema silencioso Anna Q. Nilsson, que hoje, modestamente se satisfaz com "pontinhas" em grandes filmes ou outros empregos humíldes.

Pela Meca passam tôdas, pela Meca passam tôdas: aquilo lá é pior do que a ponte da aliança da velha história da carochinha. Umas com muita sorte e algum talento. Outras com vocação mal aproveitada. De qualquer maneira, a contribuição da Suécia a Hollywood é inestimável.

NA SOMBRA DO CRIME

(Cont. da pág. 25)

contra porém, a tal carta escrita por Holmes e dirigida ao filho, a qual por descuido havia caído ao chão e lá ficado. Trent fica então sabendo o caminho a tomar. O detetive e seus homens conseguem descobrir o esconderijo da quadrilha. Há uma luta durante a qual morre o doutor Holmes. Cristina pessoalmente prende Menig, refreiando seu impulso de matá-lo, entregando-o à polícia, e como prêmio pelo seu valor e encantos, Trent oferece-lhe em compensação: AMOR.

ESTADOS UNIDOS

Jessy L. Lasky deverá produzir uma história de sua própria autoria: THE BIG BRASS BAND, apresentando famosas bandas de música. Uma história romântica, com a participação de milhões de meninos e meninas da América, membros de bandas.



Os famosos nadadores infantis Tangay, Russell de cinco anos e Kathy de quatro, que não obtiveram permissão do govêrno britânico para atravessar a nado o Canal da Mancha, foram encaixadas no elenco de SKIRTS AHOY, com Esther Williams.

Senhora!
Na toilette diária nunca deve ser esquecida a sua HIGIENE ÍNTIMA
Metrolina
ANTISSÉPTICO
ADSTRINGENTE
BACTERICIDA

AS OITO VÍTIMAS

(Cont. da pág. 11)

O rapaz se deixa querer porque não tem outro jeito de matar o tempo enquanto aguarda o momento de declarar-se a Edith d'Ayscone, coisa que pensa fazer logo que dê um passo a mais em direção ao ducado de Chalfont. Para êste efeito, decide suprimir... ao Reverendo Lord Henry d'Ayscone, cuja notória imbecilidade há de facilitar-lhe o macabro plano. Concebe o assassinato da forma mais simples e igualmente mais engenhosa do mundo.

Disfarça-se de bispo colonial e invade a capela de Chalfont, fingindo curiosidade pelos tesouros artísticos.

Logo ouve passos que se aproximam e põe-se a ler as inscrições de uma pedra tumular...

— Boa-tarde, milord — soa atrás dêle a voz cavernosa do Reverendo d'Ayscone.

— Boa-tarde... Como haveis visto estava estudando êste interessantissimo bronze.

— Debaixo jaz um dos antepassados da minha defunta espôsa. Permita-me que me apresente... Henry d'Ayscone, reitor desta paróquia.

— Septimus Wilkinson, bispo de Matabeleland... Emprego minhas férias numa excursão pelas vossas belas igrejas rurais...

— Ah!... Haveis notado os cláustros das colunas?

— Oh, sim... esquesitos.

— Permita-me, Vossa Senhoria, que vos mostre as outras partes desta capela, das quais nos sentimos muito orgulhosos.

— Far-me-á muito feliz, Reverendo.

— Para começar, aqui tendes, milord, o panteon dos Ayscone, onde repousam todos os mortos da família, inclusive os da linhagem menor, à qual tenho a honra de pertencer... Olhai os sepulcros do primeiro duque e sua mulher...

Louis escuta a interminável enumeração necrológica com tais mostras de interêsse que, por último, o nobre reitor o convida para jantar. Como é lógico, os manjares são suculentos e os vinhos, principalmente o vinho do Pôrto, de muito boa cêpa. A conversa gira sôbre a fé cristã dos naturais de Metabeleland.

— Temos muitos exemplares do Sagrado Livro de Matabelec, porém como ninguém daqui pode ler o próprio idioma... — suspira Louis levantando os olhos para o céu.

— O falais vós, milord?

— Não como meus filigreses.

— Entretanto, diga-me um texto para ver como soa... Por exemplo: Daniel, na jaula dos leões...

— *Mbaebéndo jasay pe carai Daniel pe... Jhaé emboqué la leoncuera pe* — pronuncia Louis de qualquer jeito.

— Muito interessante, muito interessante... Milord, o vinho do Pôrto é vosso... Que pensais dêle?

— Que é admirável.

— Cockbrurn 65 é, em minha opinião, o melhor ano de todos, apesar de meu médico não o aprovar...

— Qual prefere vosso médico?

— Abstinência, milord, abstinência... O homem não cessa de recordar-me o estado de minhas artérias... Que dano pode fazer-me um copinho por uma noite, ou mesmo dois...?

— Aventuro-me a dizer que nenhum.

— Quer dizer que não me condenais?

— Nem pouco nem muito, Reverendo.

— Pois deixa-me que vos diga, sem faltar ao respeito aos meus superiores, que jamais esperei que semelhante licença me fôsse dada pelos eclesiásticos do reino...

Um cigarro, milord?

Com muito prazer.

— O reverendo d'Ayscone se lavanta da sua cadeira e, lentamente, dirige-se ao móvel, onde está guardada a caixa de cedro de seus charutos...

Enquanto isto, Louis lhe põe no vinho o potente veneno que há de matá-lo em cinco minutos... num "ataque de coração".

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

O QUE VIMOS *na Tela*

INTERINO

COTAÇÕES

1 — Fraco; 2 — Regular; 3 — Bom; 4 — Muito bom; 5 — Ótimo

"PANDORA"



NESTE filme é possível verificar até que ponto vai a ousadia de Hollywood e sua tão proclamada cretinice. Indo rodar um filme em plena Espanha nem assim obtém uma pálida atmosfera do solo de Cervantes tão rico em folclore e expressão autóctona. Cometeram a torpeza de fazerem falar o dialeto catalão na província de Provença. Aquela ilha de pescadores pobres com um hotel de primeira ordem e garçons de casaca, festas com jazz-bands em plena praia, o enxêrto daquela cena artificial de música espanhola com uma cantora gargarejando uma canção do famoso "canto hondo" e a presença de um famoso toureiro que morre sentado, nos brinda com uma série de falsidades e lugares comuns tão do gôsto dos patrões do cinema. No início do filme os letreiros anunciam que a história passou-se há vinte anos (1930) e o espectador, à medida que corre o filme, não atina com a modernidade das vestimentas de Pandora Reynolds. A história do Fantasma Holandês que vivia condenado a vagar eternamente em seu navio pelos mares por ter blasfemado contra Deus, pelo tratamento cinematográfico que teve, não convence a ninguém. Aqui a culpa cabe mais ao cenarista do que ao diretor Robert Lewin que se pecou em certas cenas — como a ridícula saida de Juan Montalvo que quando sai do quarto de Van der Zee (o fantasma holandês), ao qual tinha assassinado, vai liquidar o cachorrinho que ladrava — por outro lado soube tirar partido da beleza de Ava Gardner, focalizando-a de todos os ângulos existindo alguns muito belos como a tomada do perfil da atriz deitada naquela cena na montanha de onde Stephen tinha jogado às águas seu carro de corrida. E o tecnicolor desempenha aqui um importante papel, pois a fotografia é a única coisa louvável nesta incrível produção. Ava Gardner é apenas uma bela mulher. Será intenção da Metro torná-la uma Maria Felix, *made in Beverly Hills?*. Seria pueril tentar uma comparação entre as duas. A atriz mexicana *representa* nos seus filmes e quanto ao aspecto físico é visível a desvantagem da moça de Brooklyn. Junto dela, neste filme, temos o infeliz James Mason — infeliz porque Hollywood aplicou-lhe o ferrão. Hoje, Mason é uma pálida sombra daquêle excelente ator de "O Condenado". Em têrmos finais, "Pandora" é um filme para o público da maioria — aquêle ao qual Hollywood precisa explorar suas fraquezas de qualquer forma.

Cotação artística: 1 1/2 — *Cotação comercial*: 4

"ÂNGELA"



PARA os que não acreditam no nosso cinema êste filme é uma amostra cabal das possibilidades do mesmo e a capacidade indiscutível da Vera Cruz que sabemos estar enveredando pelo melhor caminho, o mais sadio, o mais recomendável. Dos estúdios de S. Bernardo sairam os filmes de melhor acabamento cinematográfico em nosso país, e nota-se nos seus diretores o propósito de cumprir com a imperiosa obrigação de superar a qualidade de seus valores artísticos. Numa cinematografia de tão pequenas proporções como a nossa, seria impossível naturalmente, exigir igualdade de altura na qualidade de suas realizações, pelo motivo de que no cinema geralmente admitem-se as mais diversas expressões, por tratarem-se de manifestações do espírito dirigidas aos mais diversos setores do público. O maior valor de "Ângela" reside no instinto de superação que animou seus realizadores, embora o filme, na exposição da história, acuse alguns erros. Entretanto, seus valores são tantos e tão pronunciados que não cabe aqui assinalar seus percalços. Pela primeira vez num filme nacional cuidou-se dos coad-

(Cont. na pág. 30)





acaba com as Brotoejas


JOÃO FREY

HOLLYWOOD VENDEU...

(Cont. da pág. 7)

bilidade expressiva de um cenário, sempre será cinema. Recorde-se agora o plano final de Greta Garbo em "Rainha Cristina", no qual a atriz é sòmente matéria aproveitada pelo cineasta, sem nenhum paralelo teatral. Quando o cinema tenha-se esquecido de tudo aquilo e haja aprendido isso, poderá ver-se em que ponto parará sua forma de expressão da qual hoje só conhecemos uma entre suas múltiplas combinações, virtualmente esgotada pelo uso e abuso. As possibilidades do filme estreito, ao pôr os meios técnicos ao alcance de tudo o que deseje, são outros tantos problemas que a indústria deve resolver procurando a forma de lançar ao mercado equipes completas a preços inferiores. Se o futuro é ainda incerto existe alguma coisa que pode conduzir-nos para a frente: a fé no destino do homem nesta sua maravilhosa aventura sôbre a terra. Esta é nossa ilusão de agora. Adormeceremos nela, para que acordem do sono falso os que nos tenham que suceder nos humanos percalços da vida. O mundo não está feito só disto ou de aquilo, senão disto e de aquilo. Já não se pode estar contra uma coisa e outra, senão com uma coisa e outra. Cada homem, cada povo, cada filosofia tem colocado seu acorde na humana melodia. As vêzes, em forma dissonante para que a reação fôsse mais segura, para que deixássemos para trás e para sempre, um dêsses falsos caminhos por onde o homem gosta de extraviar-se. Aceitemos o mundo tal como êle. E que seja nosso plano a sincera comunhão com todos os seus ideais, quando êstes ideais sejam sinceros e mereçam a pena de comungar com êles. Nós não podemos, como Salvador Dali, escutar uma só voz. Em nosso coração existe um grilo querido que a diferentes horas nos envia a seguinte canção:

"Contra os poetas, pela [Poesia,
Contra os snobs, pelo Tea- [tro,
Contra o show, pelo Teatro,
Contra Hollywood, pelo [cinema."

Existem pessoas que não vêem que o cinema americano atravessa uma etapa de completa renúncia ao melhor, para o mais independente que pudesse ter como arte. Assim não compreenderá o ponto estacionário a que tem chegado. Não existe um novo ar capaz de tonificá-lo. Rende-se o máximo no sistema de produção em série — tendo em conta as dificuldades da guerra — com sua adoração pela técnica e com o completo triunfo das fórmulas. A receita *o rapaz encontra a sua mocinha — o rapaz perde sua mocinha — o rapaz recupera a sua mocinha* tem chegado a saturar a fôrça de repetir-se. Sem a competência européia, abandonados à produção comercial, o cinema americano tem logrado fixar a superioridade de sua técnica porém sem novas sendas por onde seguir. Sem outros horizontes que não sejam os de ontem: os de sempre que pedem a gritos uma renovação. E, não obstante, não existe nenhum poder na terra comparável ao do cinema de Hollywood. Nem os maiores Impérios, nem as mais antigas Igrejas tem podido estender seus credos e doutrinas a milhões de fiéis que, semana após semana, acodem a tomar a droga, cuidadosamente preparada e servida em vasos de prata. A grande simpatia das massas para com os Estados Unidos tem sido possível mais através do cinema do que as correntes políticas ou ideológicas, na forma constante com que tem conseguido, ano após ano, infiltrar seus ideais, sua forma de vida, o triunfo da democracia que haveria de causar nas multidões uma viva e inesquecível impressão. As gerações de todo o mundo depois da guerra anterior foram educadas por êstes ideais americanos que, dia após dia, impuseram através dos filmes em todos os cinemas do globo. Não faz muito, como já temos visto, tivemos a avalanche dos filmes de guerra. Há como é bela a guerra! E a última, principalmente, mais do que nenhuma outra. Ela tornou possível as Mrs. Miniver burguesas, com um marido encantador que as ama, com seu cuidado pelas rosas e que incluso podem ser heroínas no mesmo jardim de sua casa, porque para isso se lhes preparou uma cenazinha e um aviador alemão semi-escondido no mato.

Amôres, uma situação perigosa, porém assegurada, e, como final, o fácil heroísmo e a seguridade de um amanhã melhor. O protagonista é bonitão; a noiva graciosa. Tudo acabará bem para que o público possa fazer a digestão cômoda e divertidamente. Agora, se sòmente tem-se pretendido entreter ao público com històriazinhas amorosas com fundo guerreiro, a dose tem sido excessiva. E a visão dos bombardeamentos sempre será, como espetáculo, um triste resíduo da brutalidade do circo romano que ainda diverte a uma humanidade apaixonada. Este gênero, em realidade, não faz senão humilhar as pessoas ao pôr em evidência o poço de violência que possuem. Não acaba aqui a colheita bélica, tão indigesta. Hollywood preparou-se depois da guerra para fazer-nos felizes. Não se preocuparam pelos problemas da após-guerra, porque aí estavam os gênios de Hollywood para arranjar tudo num amém.

O mundo terá o que necessita para aliviar seus males. E nada de solução pessimistas. Nada, nada; muito otimismo. E nós vimos o quanto isso é de fácil arranjo enquanto nos casemos com uma garôta lourinha que masque chiclete e morra pelos casacos de peles. "This love of ours" é a história de um gangster que volta cego da guerra. Não há que preocupar-se: já terá sua correspondente morena que velará por êle, enquanto sonhar com as orelhas de Clark Gable. Ao mesmo tempo, o produtor Zanuk anuncia que produzirá um filme para a Alemanha libertada, no qual

(Cont. na pág. 34)

O QUE VIMOS NA TELA

(Cont. da pág. 29)

juvantes, dando-lhes a importância que merecem dentro de uma obra cinematográfica. Luciano Salce, Ruth de Sousa, Incsita Barroso, Mário Sérgio e outros cumprem acertadamente com os papéis que lhes confiaram dentro do tipo que encarnam. Eliane Lage — dona da personalidade mais marcante do nosso cinema depois de Tonia Carrero — é uma atriz que clama por outro diretor que não seja seu espôso, Tom Payne. Vivendo o papel que dá o título ao filme sai-se a contento ao ser encarada pela câmara. Ao seu lado, Alberto Ruschel traça um personagem que convence. Ruschel é um dos poucos atores brasileiros que estudam sériamente. Pensamos que o que não se vive não chega ao público. Lendo bons livros, vendo bons filmes, apreciando boas peças de teatro, interessando-se pela técnica de cinema, tudo isto servirá ao ator para transmitir emoções ao público. Saber olhar, entrando nas neblinas da vida e na festa radiante do coração, o ator consciente nunca será um autômato, porque se assim fôr nunca poderá chegar a ser sequer um ator discreto. Por que? Pela simples razão de que ignora a poesia e o drama que vive. O que cria, apesar de que no caso de Ruschel, seja modestamente, traduz desde o fundo de suas fibras e conteúdo extra-humano que o público aplaude, pois sente-se no mesmo lugar que o ator vibrante e comunicativo em sua mensagem. Aqui está revelado o "segrêdo" do que deve ser o intérprete cinematográfico. Alberto Ruschel comunica-nos o drama do jogador que no auge do desespêro chega a roubar economias de sua espôsa, para a educação de sua filha. Sua máscara angustiosa, sua voz, seus gestos, tudo convence ao espectador mais prevenido contra o cinema nacional. "Ângela", em resumo, como filme nacional, é um dos intentos mais felizes que se fizeram em nossa terra e é a reivindicação da nossa débil cinematografia.

Cotação artística: 3 *Cotação comercial*: 2 1/2

BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
AV. BRIG. LUIZ ANTÔNIO, 4289 - S. PAULO
Peça prospectos

QUÉDA DOS CABELOS
Calvície precoce
JUVENTUDE ALEXANDRE
INSUPERÁVEL
Há cinqüenta anos
Juventude Alexandre
BELEZA e VIGOR dos CABELOS

CARNAVAL

DE CARLOS ARENA

COM O PANDEIRO NA MÃO

PARECE que êste ano o carnaval vai superar o do ano passado, isto pelo que temos vindo observando no entusiasmo popular. Felizmente, pois o festejo de Momo esteve a ponto de perder seu enorme prestigio quando da grave crise que atravessamos, de 1945 a 1948, sem falar, é claro, no desastroso Carnaval da Vitória.

Fazemos votos para que, êste ano, a grande festa popular alcance o maior brilho, para que o povo possa dar expansão a sua alegria, esquecendo as preocupações desta era de pessimismo.



TEMOS observado, mais de uma vez, o péssimo serviço de entrada que se mantém nos bailes da ABB no antigo Cassino Atlântico, no pôsto 6, em Copacabana. O escoamento do público para os salões se faz através de uma portinha, por onde dificilmente entram duas pessoas ao mesmo tempo, acarretando uma aglomeração incrivel. O cordão feito por grossos policiais oferece um aspecto nada desvanecedor para quem olha de fora, pelo ar de implantação da fôrça que ali impera. Para quem está na interminável fila sòmente é possivel atingir a portinha vinte ou trinta minutos depois, dada a morosidade do serviço de portaria. Tudo isto poderia ser corrigido com um gradeamento adequado — como aliás temos ali mesmo notado — durante o próprio carnaval. A ABB deve cuidar dêsse serviço com carinho para estar à altura de seu prestigio social.



NÃO sabemos em que pé está a situação do Teatro Municipal para a época de Momo. Seria imperdoável que se vedasse o grande teatro para os grandiosos bailes a fantasia que todos os anos ali se realizam e que sempre constituiram a nota social mais alta do carnaval carioca, com a presença da sociedade, corpo diplomático, altas autoridades civis e militares e a do próprio Presidente da República. O sr. Pascoal Carlos Magno, autor do movimento em prol da referida proibição, como morador em Londres durante alguns anos, se esquece que os maiores e mais alegres bailes da capital inglêsa realizam-se no colossal Carnigie-Hall, e que os inglêses não se sentem por isso ofendidos na sua integridade artistica.



CARNAVAL NO CINEMA — Já está pronto o musical carnavalesco da produtora Flama, «Tudo Azul», que reúne nos papéis centrais Marlene e Luís Delfino. Independentemente das atuações dêstes dois artistas, e principalmente da primeira que dizem ser uma revelação como intérprete cinematográfica, o filme traz para o público muitas canções dos festejos de Momo como «La d'água», «Mundo de Zinco» e outras músicas já consideradas vitoriosas como essa incomparável «Maria Candeiária», de Klecius e Armando Cavalcanti. Poucas vêzes no cinema nacional reuniram-se tantos valores do nosso cancioneiro pois na mesma produção intervém Dalva de Oliveira, Linda Batista, Carmélia Alves, Jorge Goulart, Quatro Azes e um Coringa, Black-out, Regional de Dante Santoro e Virginia Lane. Como vem tudo azul... em «Tudo Azul».

A BOA OPINIÃO ALHEIA

SOB o título «Turismo e Carnaval» o cronista HDC publicou a seguinte interessante opinião que transcrevemos com a devida vênia do jornal «A Noite», de 22 de janeiro:

«Sempre se diz, sempre se repete, que a natureza foi para nós tão pródiga que o brasileiro é um perdulário das belezas de sua cidade. Emoldurando uma civilização adiantada, os cenários vigorosos das montanhas, das cascatas, das praias, que fazem do Rio uma das mais atraentes do mundo. Mas, a cidade se parece com uma mulher bonita, graciosa, que ainda sente a timidez ingênua de uma roceira. Oculta-se, retrai-se aos olhares de «gente de fora»... Há, na realidade, muita coisa para se ver, para se admirar, que empolga, espetáculos para a vista e para o espírito. O que se está fazendo, agora, através do Departamento de Turismo da Prefeitura, como uma verdadeira dona de casa, cuidadosa e amável, abre mais um pouco as portas para receber visitas. Convenhamos que se faz necessário que se ajude, se anime, que se diga, que se fale nas nossas belezas naturais, bem como no que realizamos de progresso, de civilização. Quando o alienígena chega, ali, no Cais do Pôrto, em meio a tanta barafunda, não encontra ninguém de casa para recepcioná-lo. Não devemos recebê-lo com demasiadas curvaturas, nem com sorrisos tolos e balofos, nem tampouco pensando nos nossos avós de cocar e flecha. Nós já sabemos usar a casaca. Cabe-nos, isso sim, como pessoas educadas, principalmente em «Nossa casa», mostrar tanto que a natureza nos deu como o que o homem soube realizar no concêrto civilizador do mundo. Tornemos acessíveis e cômodos a essas visitas os meios de ver, apreciar o que já temos. Não o deixemos perdidos nesse labirinto, que é a terra carioca, feita de pedaços diferentes, como se não pertencessem a um só todo. Tornemo-nos amáveis e úteis a elas, as visitas. Quando elas se forem — ponto muito essencial — dirão «muito menos mal» de nós. Não nos envergonhemos das favelas, pois que as há, tão grandes ou maiores, em todo o Universo. Vêm aí os dias gostosos e tumultuosos do Carnaval. Já expedimos os convites para a festa. Já tratamos dos adornos da casa. Resta, porém, alguma coisa não menos importante, que vai da Praça Mauá a Copacabana. Devemos eliminar a esperteza de certos motoristas (a primeira e pior impressão do turista) e afastar certos «mocinhos bonitos» dos salões, dando-lhes lugar mais conveniente — a cadeia. Que «sassariquem» em suas casas...»

MOVIMENTO

A benquista associação que congrega o funcionalismo da Caixa Econômica também colaborará para o brilhantismo do reinado de Momo, fazendo realizar o programa abaixo:

Dia 26 — Festa dos campeões do Torneio Inicio de Futebol promovido por esta associação, com entrega de medalhas aos campeões e vice-campeões do referido torneio, das 22 horas às 3 horas da manhã. (Já realizado).

Dia 2 de fevereiro — «Grito de Carnaval» — Das 22 horas às 3 da manhã. (Já realizado).

Dia 16 de fevereiro — Grande baile, no Teatro João Caetano com a participação de tôdas as associações bancárias filiadas ao Centro Metropolitano de Desportos Bancários, das 21 horas às 3 da manhã.

DIAS DE CARNAVAL

Dia 23 (sábado) — Às 14 horas, revivendo o carnaval da Caixa Econômica sairá o bloco «Nadamos em dinheiro e andamos sempre prontos».

Dia 23 (sábado) — Das 22 horas às 4 da manhã.

Dia 24 (domingo) — das 15 às 20 horas, grande baile infantil, com prêmios para as três melhores fantasias e farta distribuição de brindes carnavalescos.

Dia 24 (domingo) — Das 22 horas às 4 da manhã.

Dia 25 (segunda) — Grande baile do «Grupo Zum — Zum — ???», das 15 às 20 horas.

Dia 25 (segunda) — Das 22 horas às 4 da manhã.

Dia 26 (têrça) — Das 15 às 20 horas, sede aberta com danças a vitrola.

Dia 26 (têrça) — Das 22 horas às 4 da manhã.

Os convites e mesas para as festas programadas poderão ser procurados com os srs. Juvenal Peixoto e José Ângelo da Costa ou na sede dêste departamento, durante o dia, das 12 às 22 horas, e com o sr. Severo Carelli Vieira, depois das 18 horas.

Os convites para as festas dos dias 26 e 1º serão grátis e às demais os associados entrarão com a carteira social da A. P.C.E.

As mesas reservadas para as festas precarnavalescas darão direito a dois convites grátis.

★

A escolha das músicas carnavalescas que mais agradaram ao povo carioca, êste ano, será revelada depois do Carnaval. Não haverá decepções na distribuição de prêmios. O assunto será debatido antes, durante e depois dos festejos de Momo. O Departamento de Turismo assim, atenderá às sugestões dos entendidos e pretende evitar os protestos e descontentamentos.

Primeiramente decidiu-se a escolha das músicas, o que foi feito pela comissão, constituida pelos srs. Nicolino Milano, Renato de Almeida, Cláudio Santos, Álvaro Moreyra, Silvio Salema, Gastão Formenti e Bandeira Duarte, comissão convidada pelo Departamento de Turismo. Foram inscritas no concurso 265 músicas carnavalescas, 116 marchas e 149 sambas. Oportunamente serão selecionados 10 sambas e 10 marchas, que serão premiados.

★

Foram homenageados os cronistas carnavalescos pelos Tenentes do Diabo, comparecendo as graciosas candidatas ao cetro da Rainha do Carnaval, as senhoritas Ivana Rodrigues e Isa Miranda.

CORRESPONDÊNCIA

Tôda e qualquer correspondência para esta seção (noticiário, fotografias, letras de músicas e convites) deve ser endereçada a Carlos Arena. Redação de A CENA. Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa.

PARA O CARNAVAL DE 52

ADEUS ORGIA

Samba de Roberto Martins. — Gravação de Carmélia Alves

I

Depois que achei um amor, adeus orgia
Eu vivo muito feliz vivendo assim
Mas peço a quem troca a noite pelo dia!
Lembrança a quem perguntar por mim.

II

A quem me diz diga que eu não esqueço
E que perdôo a quem me enganou
A todos hoje feliz agradeço
Lembrança que um ex-boêmio mandou.

★

O RECRUTA 23

Marcha de Zé Trindade e Aloisio Silva Araújo. — Gravação de Linda Rodrigues

Eu sou o recruta
O recruta 23
Mamãe é italiana
Papai é português
Nasci fora de forma
E não saio do xadrez

Um, Dois
Feijão C'Arroz

Seu capitão
é homem "bão"
O seu major
Inda é melhor
Só não vou com a cara do gajo
Que eu chamo de seu "Sarjo".

★

BURRINHA DE MOLA

Marcha de J. Piedade e Almeida Freire. — Gravação de Emilinha Borba

Le, le, le, le, le, ô!...

A minha burrinha chegou
Le, le, le, le, le, ô!...
Segure a conversa que eu vou.

Eu fiz uma burrinha de mola
Você vai ver como é
Parece que estou na burrinha
Mas eu estou é a pé.

★

VEM MORAR COMIGO

Samba de Aldacir Louro, Edu Rocha e Fernando Martins. — Gravação de Gilberto Alves

Vem morar comigo
Vou lhe avisar
Eu darei castigo
Se você errar
Vem morar comigo
Você fica sabendo
Quem eu sou
Se você andar direito
Você será meu grande amor.

Você será feliz
Se ouvir meu coração



LINDA RODRIGUES
(Recruta 23)



GILBERTO ALVES
(Vem morar comigo)

PARA O CARNAVAL DE 52

Que murmurando diz
Nem tudo é ilusão
Pense na proposta que fiz
Se você não errar
Será bem feliz.

★

NÃO DOU CARTAZ

Samba de Klécius e Armando Cavalcânti. — Gravação de Black-Out

Não quero mais o seu amor
Porque já sofri de mais
Agora eu vou viver em paz
Cansei de lhe dar cartaz
(Não dou mais)

Meu perdão eu não darei outra vez
Você teve o que merece
Quem ofende sempre esquece o que fêz
Mas quem sofre não esquece.

★

DONA ELVIRA

Marcha de Wilson Batista e Aldo Cabral. — Gravação da dupla Verde-e-Amarelo

Ó dona Elvira, ó dona Elvira
Toma cuidado com os filhos da Candinha
Isto assim não está direito
Não requebres dêsse jeito
Cadê a tua linha.

A dona Elvira não tem muito juízo
É uma Eva que fugiu do paraíso
A dona Elvira é o pecado em pessoa
E é boa, boa, muito boa.

★

BABAQUARA

Marcha de Klécius Caldas e Armando Cavalcânti. — Gravação de Isaura Garcia

Sujeito metido a ser direito,
Vai ver que é babaquara!
Sujeito com pinta de perfeito,
Vai ver que é babaquara!

Quando dança
Não gosta de encostar
Se namora,
Namora pra casar
Não se mete
Num pagode...
Eu nem sei como é que pode...

★

CONFETE

Marcha de Jota Júnior e Davi Násser. — Gravação de Francisco Alves

Confete,
Pedacinho colorido de saudade!
Ai! Ai! Ai!
Ao te ver na fantasia que usei,
Confete, confesso que chorei!

Chorei porque lembrei o carnaval que [passou
Aquela Colombina que comigo brincou!
Ai! Aoi! Confete
Saudade do amor que se acabou.

★

MARCHA DO SHEIK

Marcha de Dunga e José Batista. — Gravação de Belinha Silva

Eu conheci
Um sheik apaixonado
Pela filha de um pobre mercador
Tinha muita mulher em seu harém
Mas não tinha a mulher
Do seu amor.

Tudo fêz
O pobre sheik apaixonado
Pra esquecer aquêle grande amor
E terminou trocando o seu amor
Pra ser também
Um pobre mercador...

★

PRA VARIAR

Samba de Billy Blanco. — Gravação dos Anjos do Inferno

Pra variar
Me empreste a sua mulher
E arranje outra qualquer pra sambar.

Também pra variar
Deixe comigo que eu juro
Pelo meu nome
Mulher de amigo meu pra mim é homem
Só quero dar uma volta
Pelo salão
Mas, eu prometo que nela não ponho [a mão
(A direita não...)

★

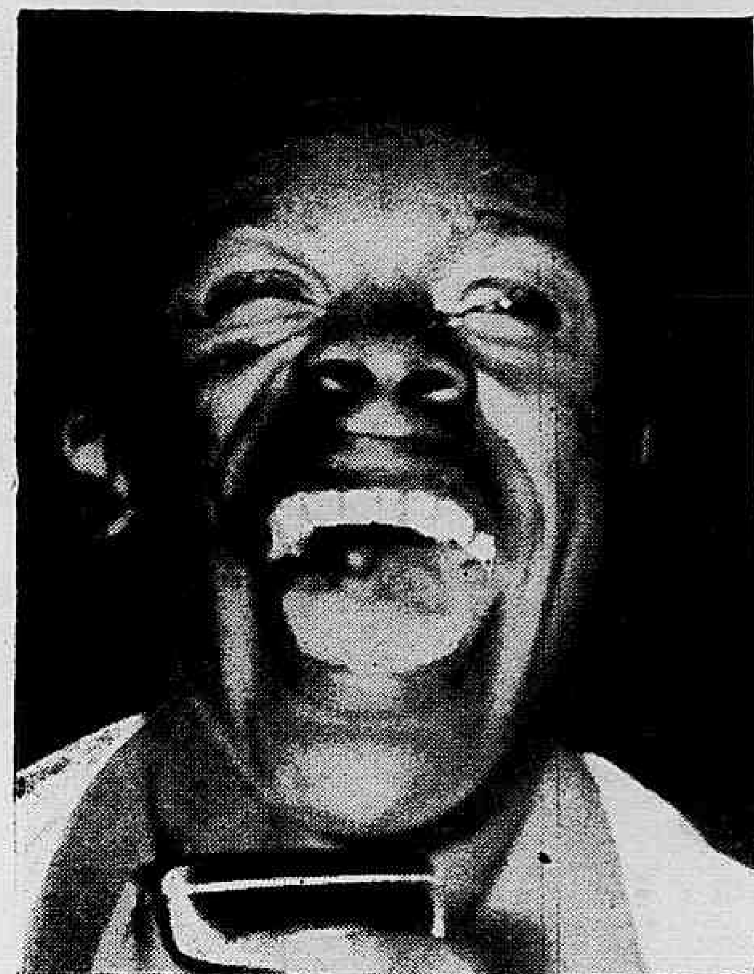
LÁ VEM SEU TENÓRIO

Marcha de Manoel Pinto e Ayrão. — Gravação de Adelaide Chiozzo

Lá vem seu Tenório
Tenha cuidado que êsse homem é de [amargar
Por qualquer coisa pega na metralhadora
Dá no gatilho tatatata... tatatata
O seu Tenório é um homem camarada
Mas se alguém o provocar topa sempre [a parada
Em qualquer briga leva sempre a melhor
Lá em Caxias seu Tenório é o maior.



CARMÉLIA ALVES
(Adeus Orgia)

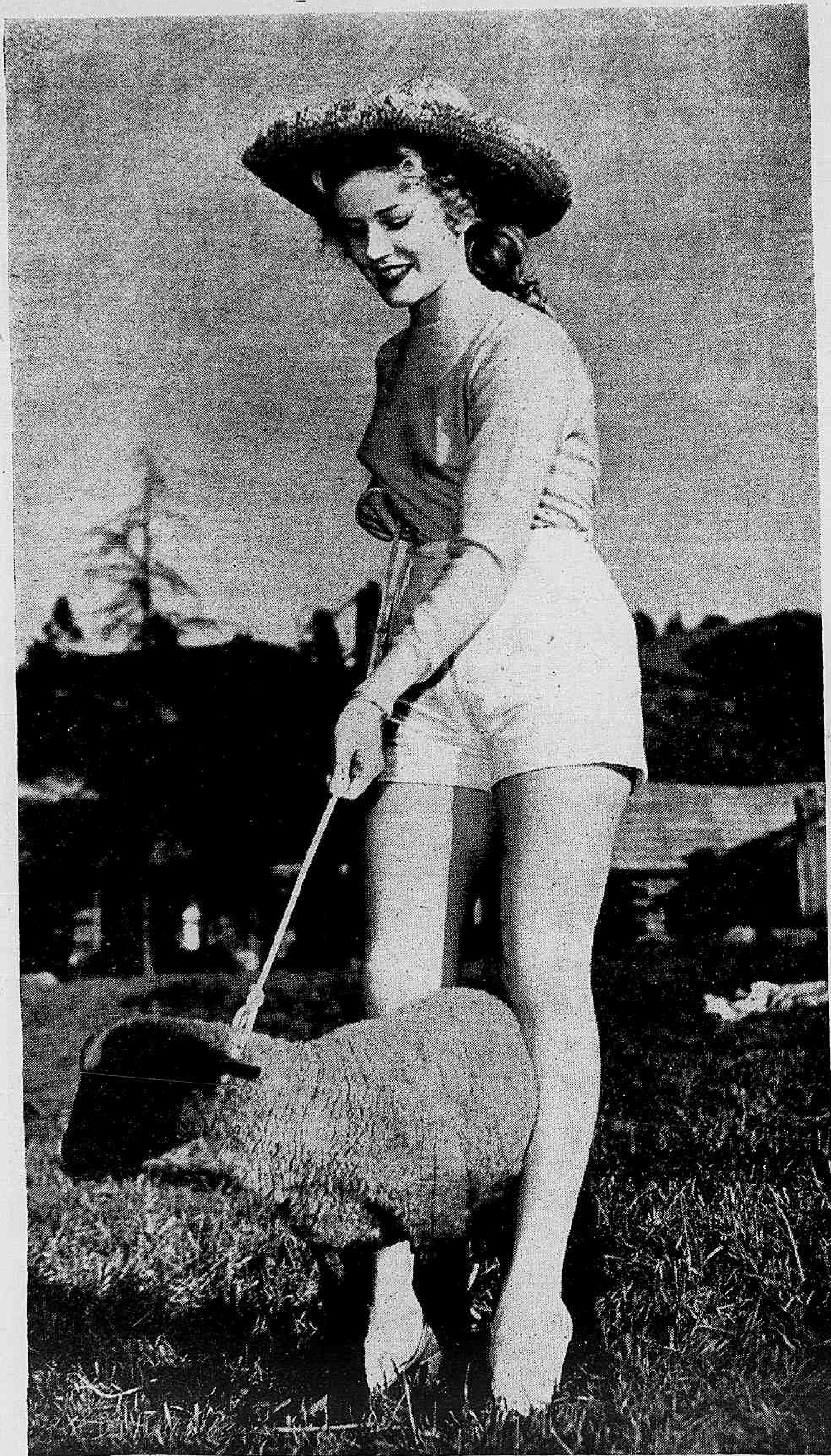


BLACKOUT
(Não dou cartaz)



EMILINHA BORBA
(Fora do Samba)

PAUSA PÁRA MEDITAÇÃO



JOYCE HOLDEN (Universal-International)

O ÊXITO À CUSTA...

(Cont. da pág. 30)

demonstrará aos alemães no engano em que incorreram ao acreditarem que iam merendar ao mundo. Esperemos que os grandes estadistas da O.N.U. levarão em conta estas fáceis soluções que lhes brinda Hollywood, segundo a mentalidade das "histórias de amor" e das "verdadeiras confissões", que é a literatura com a qual quase tudo se condimenta.

Os intérpretes vão e voltam por motivo da mobilização. Da mesma forma os diretores devem cumprir o serviço militar. Nos descansos, Hollywood os espera com os braços abertos para filmar alguma outra fita e fotografá-los nas mais diversas posturas marciais para que tôdas as garôtas sonhem com êles. O tipo de mulher que se prefere é o de Rita Hayworth, que com um filme mediocre, "Gilda", consegue despertar a curiosidade erótica de todos os públicos. E' o triunfo do "sex-appeal" que tem nesta intérprete sua glorificação. Também se deseja que o novo tipo de homem agrade às milhares de mocinhas que acodem ao cinema. Freud poderia aqui inventar uma de suas teorias. Aos recém-chegados se lhes faz percorrer o caminho de sempre. Se lhes tira fotografias de mil distintas poses. Se lhes faz que sorriam, porque o sorriso é um mito americano que tanto serve para o político como um anúncio de dentifricio. Vimos que a guerra levou para Hollywood a muitos diretores. Porém a situação é agora muito diferente a de outras épocas. Se sempre tiveram-se que se amoldar à produção indígena, agora os motivos de liberdade são mínimos e, em realidade, vem-se obrigados a admitir uns métodos de produção que coíbem suas possibilidades pessoais. Passou o período em que os artistas independentes acreditavam no cinema americano como uma manifestação artística livre de ataduras comerciais. Hoje é tão sòmente uma indústria e que tem que amoldar-se e obedecer êste signo do tempo, impôsto pelos Estados Unidos. Satanaz devolveu-lhe rios de dinheiro deixados na bilhetria em troca de sua alma.



GALE STORM
(Columbia)



ATENÇÃO!

Em diversas localidades do interior do país já se encontra esgotada a grande edição do

ALMANAQUE EU SEI TUDO

o maravilhoso livro dos mil assuntos, para 1952.

Entretanto, a Cia. Editôra Americana — Rua Visconde de Maranguape, 15, Rio — ainda dispõe de alguns exemplares que podem ser enviados aos interessados pelo reembôlso postal. Preço Cr$ 25,00 — um livro ilustrado com quase quatrocentas páginas, contendo calendários, informações sôbre o ano, um romance completo, contos, histórias, etc.